

DÉBORA REIS SANTOS

2011176792

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA
ESCOLA SECUNDÁRIA HOMEM CRISTO EM AVEIRO JUNTO DA TURMA
DO 10ºG NO ANO LETIVO DE 2015/2016**

A motivação nas aulas de educação física

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientadora: Prof.^a Doutora Elsa Ribeiro da Silva

COIMBRA

2016

Santos, D. R. (2016). *Relatório final de estágio pedagógico desenvolvido na escola secundária Homem Cristo de Aveiro junto da turma 10ºG no ano letivo 2015/2016*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Débora Reis dos Santos, aluno nº 2011176792 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009)

AGRADECIMENTOS

É com orgulho que concluo o Estágio, mas consciente que tal não seria possível sem a colaboração e orientação de várias pessoas. É com afeto e gratidão que agradeço a todos os que estiveram presente e colaboraram na minha formação.

Agradeço á minha família e namorado por todo o apoio que me transmitiram, pelo esforço que fizeram, pela compreensão e por terem acreditado em mim.

Agradeço à Professora Olga Fonseca por todas as sugestões e críticas que me transmitiu e pela compreensão que sempre demonstrou.

Agradeço aos nossos colegas de estágio Daniela Jesus e Susana Nicolau, pela camaradagem, ajuda e por todas as situações que passámos.

Agradeço á Escola Secundária da Homem Cristo em Aveiro e sua comunidade pelo carinho com que fui recebido e integrado.

Agradeço aos Professores do Grupo de Educação Física, pela paciência, empenho e auxílio.

Agradeço aos alunos todas as vivências que me proporcionaram e pelo carinho com que me receberam.

RESUMO

O Estágio Pedagógico é o culminar de uma etapa que representa o momento de convergência de todos os conhecimentos teóricos aprendidos nos anos de formação anterior com uma prática guiada no mundo real do ensino que nos proporcionou excelentes momentos de aprendizagem, formação e melhoria. Após terminar esta etapa no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, realizada na Escola Secundária Homem Cristo de Aveiro, junto da turma G do 10ºano dos cursos profissionais de técnico de apoio psicossocial e de técnico de turismo no ano letivo 2015/2016, surge a necessidade de realizar uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido ao longo do Estágio Pedagógico, através do Relatório Final. Este documento está estruturado em três partes. A primeira é sobre a contextualização da prática desenvolvida, esta faz referência às expectativas iniciais, objetivos e elementos relacionados com as condições locais. Na segunda parte é abordada a atividade pedagógica, através da reflexão sobre o planeamento do ensino, a realização do ensino-aprendizagem e a avaliação. A última parte é composta por um estudo e a sua reflexão relativa à exploração do tema-problema “Motivação nas aulas de Educação Física”, este surge com o objetivo de perceber os fatores que motivam e/ou desmotivam os alunos para as aulas de Educação Física, visto que, durante as aulas foram observados junto dos alunos níveis de motivação baixos para a prática das aulas desta disciplina.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico; Educação Física; Reflexão; Planeamento; Realização; Avaliação; Motivação.

ABSTRACT

The Pedagogic Internship is the culmination of a phase that represents the moment convergence of all theoretical knowledge learned in the previous years of formation with a guided practice in the real world of teaching, providing us excellent moments of learning, training and improvement.

After finishing this stage under the Master Degree in Teaching Education Physics in Primary and Secondary Education of the Faculty of Sport Sciences and Physical Education, of University of Coimbra, held in the Secondary School "Homem Cristo" of Aveiro, with the G class of 10^o year of the professionals courses of technical in psychosocial support and tourism technician, in the year academic of 2015/2016. There is the need for careful consideration over the work performed during the Pedagogic Internship, being materialized on the final report.

This document is composed by three parts. The first part is about contextualization of the developed practice regarding the initial expectations, objectives and elements related to local conditions. In the second part is addressed the pedagogical activity, through the reflection over the teaching planning, execution of the teaching-learning and evaluation.

The last part consists of a study and its reflection on the exploration of the theme-problem "Motivation in Physical Education Classes". This arises in order to understand the factors that motivate and/or demotivate the students for the practice of physical education classes. Also, as result of the low levels of motivation observed during classes, understand regarding their perspective what would increase their motivation for attending physical education classes.

Keywords: Teacher Training; physical education; Reflection; Planning; Achievement; Evaluation;

SUMÁRIO

RESUMO	IX
ABSTRACT	XI
LISTA DE ILUSTRAÇÕES (TABELAS)	XV
LISTA DE ABREVIATURAS	XVII
LISTA DE ANEXOS	XIX
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA	23
2.1 Expetativas e opções iniciais em relação ao Estágio (PFI)	23
2.2 Condições locais	24
2.2.1. Caracterização da turma.....	26
CAPÍTULO III – ATIVIDADES DE ENSINO – APRENDIZAGEM	29
3.1 Planeamento	29
3.1.1 Plano Anual	30
3.1.2 Unidades Didáticas	31
3.1.3 Plano de Aula	32
3.2 Realização	33
3.2.1 Dimensão Instrução	34
3.2.2 Dimensão Gestão Pedagógica	36
3.2.3 Dimensão Clima/Disciplina	38
3.2.4 Decisões de ajustamento	40
3.3 Avaliação	41
3.3.1 Avaliação Diagnóstica	42
3.3.2 Avaliação Formativa	43
3.3.3 Avaliação Sumativa	44
CAPÍTULO IV – ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA	47
4.1 Experiência e aprendizagens adquiridas ao longo do Estágio	47
4.2 Ensino – aprendizagem	48
4.2.1 Compromisso com as aprendizagens dos alunos	48
4.3 Dificuldade e necessidades de formação	49

4.3.1	Dificuldade sentidas	50
4.3.2	Importância do trabalho individual e de grupo	51
4.4	Ética profissional	51
4.5	Questões dilemáticas	52
CAPÍTULO V – APROFUNDAMENTO DO TEMA – PROBLEMA		53
5.1	Enquadramento teórico	53
5.1.1	A motivação nas aulas de Educação Física	53
5.2	Objetivos do estudo	55
5.3	Metodologia	55
5.3.1	Participantes	55
5.3.2	Instrumentos	55
5.3.3	Procedimentos	56
5.4	Apresentação e discussão dos resultados	57
5.5	Conclusões	63
CAPÍTULO VI – CONCLUSÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO		64
BIBLIOGRAFIA		67
ANEXOS		71

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES (TABELAS/GRÁFICOS)

Tabela 1. Resultados da 1ª questão “Participo nas aulas de EF porque”.

Tabela 2. Resultados da 2ª questão “Eu gosto das aulas de EF quando”.

Tabela 3. Resultados da 3ª questão “Não gosto das aulas de EF quando”.

Tabela 4. Resultados da Motivação Intrínseca.

Tabela 5. Resultados da Motivação Extrínseca.

Gráfico 1. Resultados das propostas que motivariam os alunos para a participação nas aulas de EF.

LISTA DE ABREVIATURAS

MEEFEBS – Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário

UD – Unidade Didática

UD' s – Unidades Didáticas

FB – Feedback

EF – Educação Física

PNEF – Planificação Nacional Educação Física

TGfU - Teaching Games for Understanding

AF – Avaliação Formativa

AS – Avaliação Sumativa

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Questionário da caracterização da turma.

Anexo B – Plano de aula.

Anexo C – Questionário do tema-problema “Motivação nas aulas de EF”.

Anexo D – Análise descritiva dos questionários em SPSS 22.

Anexo E – Certificado do ciclo de conferências de didáticas da EF.

Anexo F – Certificado II jornadas científico-pedagógicas do estágio pedagógico em EF.

Anexo G – Certificado de participação na oficina de ideias.

Anexo H – Certificado de participação no V Fórum Internacional das Ciências da Educação Física.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

O presente documento, designado de Relatório de Estágio Pedagógico surge no âmbito da unidade curricular com o mesmo nome, pertencendo ao Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS) da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este refere-se às atividades desenvolvidas ao longo do Estágio Pedagógico realizado na Escola Secundária Homem Cristo do Agrupamento de Escolas de Aveiro, no ano letivo 2015/2016, junto da turma G do 10º ano de escolaridade.

O Estágio Pedagógico é a primeira experiência para aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos durante os quatro anos de formação na universidade, no entanto, nem sempre é fácil aplicar estes conhecimentos na prática por nunca passar por uma experiência autêntica. Deste modo, segundo Santos (2012, p.356) é “difícil relacionar teoria e prática se não tivermos oportunidade de vivenciar momentos reais. O Estágio é assim a integração entre a universidade, escola e a comunidade onde o aluno mostra a sua criatividade, independência e postura”.

No decorrer deste documento iremos refletir sobre as vivências e aprendizagens concretizadas, para isso, estruturamos este trabalho em três partes. A primeira apresenta as expectativas iniciais, objetivos e elementos relacionados com as condições locais. Na segunda parte consiste na análise reflexiva sobre a prática pedagógica desenvolvida, o planeamento do ensino, as diversas dimensões da intervenção pedagógica e as várias formas de avaliação. Na última parte é composta por um estudo e a sua reflexão relativa à exploração do tema-problema “Motivação nas aulas de Educação Física”, este surge com o objetivo de perceber os fatores que motivam e/ou desmotivam os alunos para as aulas de Educação Física, e ainda, entender o que os motivaria para prática das aulas de Educação Física, visto que, durante as aulas foram observados junto dos alunos níveis de motivação baixos para a prática das aulas desta disciplina.

CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1 – Expetativas iniciais em relação ao Estágio Pedagógico (PFI)

Depois de passarmos quatros anos (três anos da Licenciatura em Ciências do Desporto e o primeiro ano do mestrado) a adquirir conhecimentos teóricos sobre o que envolve o trabalho do professor de Educação Física (EF), compreendo que neste Estágio Pedagógico podemos colocar em prática tudo o que aprendemos e analisar como funcionam as escolas no contexto real. Este apresenta como principal objetivo, a profissionalização de novos docentes, um dos fatores mais importantes deste ciclo de estudos, mas não só, pois o gosto pelo ensino da Educação Física a crianças e jovens, com o objetivo de marcar a diferença é outro fator importante. O trabalho do docente de Educação Física depende do tipo de alunos, do número de alunos, das condições materiais e instalações da escola, do meio envolvente, ou seja, de várias situações que interferem com todo o processo de ensino-aprendizagem.

A nossa primeira preocupação passaria por aplicar os conhecimentos teóricos em vivências práticas, visto que, todos os saberes adquiridos teriam de ser organizados e aplicados de forma a promover as ações pedagógicas mais apropriadas. No entanto, com a coordenação e supervisão de dois orientadores, de faculdade e da escola, que nos auxiliaram em todas as situações que surgiam, com isto, colocamos em prática o que aprendemos mas sempre com ajuda e aconselhamento das mesmas. Posto isto, ao longo do Estágio, esperamos melhorar, aprender com os nossos erros e aperfeiçoar a nossa capacidade de lecionação das diferentes matérias.

O Estágio Pedagógico é uma experiência que nos permitiu conhecer a situação real de um professor. Portanto, as nossas expetativas iniciais são as seguintes: compreender na prática a estrutura e dinâmica da organização escolar; aprender com a experiência dos meus orientadores, para melhorar a minha formação enquanto docente; explorar, confrontar e tentar ultrapassar os problemas que possam surgir; perceber com funciona toda a organização de um curso

profissional, visto que estou a trabalhar com uma turma profissional; elaborar um plano de acordo com o contexto real, tendo em conta que estou a trabalhar com um curso profissional e que existem módulos a abordar e cada um tem um número respetivo de horas definidas para cada um; ajustar as situações de aprendizagens às necessidades dos alunos, de forma a potencializar as suas capacidades e de motivar o empenho em todas as tarefas propostas; organizar exercícios, tendo em conta o objetivo que quero trabalhar e de acordo com o nível de desempenho dos vários elementos da turma; desenvolver com os alunos vários aspetos, tais como: cumprimentos de regras, cooperação entre os alunos e com o professor, desempenho motor e o clima positivo na aula; elaborar as unidades didáticas dos vários módulos, assim, aprofundar os conhecimentos e criar um documento de apoio ao planeamento das aulas; adquirir conhecimentos relativamente, à preparação das aulas, escolha de exercícios e detetar erros e melhorar futuramente; procurar as melhores decisões de ajustamento para responder da melhor maneira possível a qualquer situação imprevista na aula, quer em termos de plano de aula quer em questões de desvios comportamentais verificados; acompanhar outras funções inerentes ao professor de Educação Física, nomeadamente a assessoria ao cargo de Diretor de Turma e a organização e realização de atividades com carácter socioeducativo; compreender como funcionam todas as tarefas do professor de Educação Física para além das aulas, ou seja, reuniões de conselho de turma e de departamento, registo de sumários e faltas dos alunos, relação com o grupo de EF e restantes professores.

2.2 - Condições locais

O conhecimento das condições do local disponíveis para a prática das aulas de Educação Física é muito importante para conseguirmos ajustar o processo de ensino de aprendizagem ao contexto real com que vamos trabalhar. Deste modo, tivemos o cuidado de realizar uma caracterização da escola e do meio, no início do ano letivo, com o objetivo de planear todo o processo de ensino-aprendizagem, de acordo com os meios e condições disponíveis.

O edifício escolar da Escola Secundária Homem Cristo foi inaugurado em 1860 e sustentou ao longo do tempo diferentes designações. Foi em 1987 que a escola passou a usufruir da atual denominação. Para a prática da Educação Física, a escola possui um espaço exterior, onde existe um campo de Andebol/Futebol, dois meios campos de Basquetebol com uma tabela cada, um campo de Voleibol e um campo reduzido com linhas de Basquetebol. O campo de basquetebol não tem tabelas, daí poder ser usado para qualquer outra atividade. Uma situação problemática é o fato de existir uma árvore ao lado do campo de Voleibol, pois por vezes limita alguns movimentos dos alunos e até se torna perigoso. Como os meios campos de basquetebol estão localizados no campo de andebol/futebol, torna-se impossível a abordagem da matéria de basquetebol em simultâneo com futebol ou andebol. O ginásio da escola possui o tamanho de um campo de Basquetebol. Dentro do ginásio existem duas tabelas de basquetebol, dezoito espaldares, uma rede de voleibol, três redes de Badmínton (que dão para formar seis campos) e um pequeno palco, onde está colocado todo material necessário para as aulas de ginástica. É no gabinete de Educação Física desta escola onde se encontra guardado quase todo o material de Educação Física. Visto que, a escola não dispõe de muitos espaços para as aulas de Educação física, foi importante explorar os espaços exteriores à escola. Esta situação permite lecionar as aulas de Educação Física nos seguintes espaços da cidade de Aveiro: no parque da Fonte Nova fica a 12 minutos (950m) da escola e tem um campo de futebol com relvado sintético, dois campos formais e um meio-campo de basquetebol. Neste parque podemos ainda encontrar algumas máquinas de manutenção; no parque da Baixa de Santo António fica a 3 minutos (280m) da escola e possui um vasto espaço relvado, campos de ténis e máquinas de manutenção; no parque Infante Dom Pedro – Parque da Cidade que fica a 7 minutos da escola (550m) e possui um campo de futebol e um circuito de manutenção; e no Canal São Roque que fica a 9 minutos (750m) da escola e possui vasto passadiço onde é possível realizar caminhadas e corridas. Possui ainda um circuito de manutenção. Para além destes espaços e de todo o material que a escola possui para as aulas de Educação Física, podemos ainda desfrutar da possibilidade de utilizar as Bicicletas de Utilização Gratuita de Aveiro (BUGA) para as aulas de cicloturismo.

Depois de conhecer os espaços que poderíamos utilizar no decorrer do ano letivo, decidimos aplicar um questionário aos alunos com a finalidade de articular as características da escola e do meio com as características específicas da turma. Este foi elaborado com o objetivo de compreender a realidade da turma, isto é, conhecer o gosto pela disciplina de Educação Física, as modalidades preferidas, os hábitos desportivos, as dificuldades e alguns comportamentos do seu dia-a-dia. Estas informações foram fundamentais para uma planificação adequada para a abordagem a cada um dos módulos e à turma.

2.2.1 – Caracterização da Turma

No início do ano letivo, a professora orientadora da escola apresentou as três turmas disponíveis para o Núcleo de Estágio. As escolhas foram de acordo com a conciliação do horário da turma e as atividades que temos fora da escola, por isso, optamos por trabalhar com a turma G do 10ºano, esta tem a particularidade, de ser constituída por dois cursos profissionais, um de Técnico de Apoio Psicossocial e o outro de Técnico de Turismo, apesar de serem dois cursos a aula de Educação Física é lecionada em conjunto. O instrumento utilizado para a concretização desta caracterização foi um questionário desenvolvido pelo Núcleo de Estágio. O questionário é constituído por vários temas relevantes para adquirirmos um conhecimento geral da turma, são eles: identificação dos alunos, saúde, repouso, alimentação, tempos livres, hábitos desportivos, desporto escolar, educação física na escola e qualidade dos docentes (Anexo A). Após uma análise do questionário, verificámos algumas informações úteis para termos em atenção quando planificamos e realizamos as aulas, tais como: a maioria dos alunos praticou uma modalidade desportiva, porém, atualmente, apenas sete ainda o fazem; as notas que a turma apresentou no ano anterior correspondem ao nível três; existem dois alunos com problemas de audição, dez alunos com problemas de visão e um com problemas de insuficiência renal e desvio da rótula; as modalidades que os alunos mais gostam são o Voleibol, o Basquetebol e o Badmínton e as modalidades que menos gostam são o Voleibol, a Ginástica e Basquetebol; a turma atribui a importância da Educação Física à criação de

hábitos desportivos e a melhoria da qualidade de vida; por fim, as qualidades que os alunos mais apreciam num professor são a simpatia, o sentido de humor, o sentido de justiça e a cordialidade.

Todos estes conhecimentos prévios sobre a turma foram importantes para adequar da melhor forma a nossa intervenção à turma. No entanto, ao longo das aulas íamos conhecendo melhor os alunos e aperfeiçoando todo o processo de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO III – ATIVIDADES DE ENSINO DESENVOLVIDAS

Neste capítulo iremos refletir sobre as três principais áreas de competências profissionais (planeamento, realização e avaliação), tendo em conta o trabalho que desenvolvemos ao longo do Estágio Pedagógico.

3.1 – Planeamento

O planeamento é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois para planejar é necessário estudar, organizar e coordenar todos os procedimentos para a realização de uma atividade, tendo como foco o objetivo a alcançar e/ou solucionar um problema (Carvalho, Amorim, Cardoso, Silva. R e Silva. S, 2011). Esta tarefa é indispensável no trabalho do professor para que o processo de ensino-aprendizagem se desenvolva com qualidade, harmonia, eficácia e consiga os resultados pretendidos. É neste processo que os professores aplicam e colocam em prática os programas escolares, desenvolvendo e adaptando às condições do contexto de ensino, isto é, características da população escolar e do meio envolvente e dos alunos da turma. (Januário 1992)

Esta é a primeira tarefa a realizar com o objetivo de criar um caminho a seguir, tem a função de guia no trabalho do professor, de acordo com Bento (2003, pp.15-16) “a planificação é o elo de ligação entre as pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respetivas disciplinas, e a sua realização pratica.”

Neste ponto descrevemos o processo de planificação desenvolvido, começamos pelo plano anual, seguidamente, as unidades didáticas e por último os planos de aula.

3.1.1 – Plano Anual

O Plano Anual é um plano global que pretende ajustar o programa de ensino ao local e às pessoas envolvidas. Este documento é o ponto de partida para o desenvolvimento do estágio, visto que este se define como um plano completo e realista da intervenção educativa ao longo do ano letivo. (Bento 2003)

Posto isto, neste documento procurámos desenvolver uma planificação possível e rigorosa, tendo em atenção os programas e a análise da turma, da escola e do meio. A elaboração desta tarefa teve início numa análise do Programa Nacional de Educação Física (PNEF) para os Cursos Profissionais de nível Secundário, desta forma tomámos conhecimentos dos módulos a abordar e o número de aulas correspondentes a cada um deles no décimo ano de escolaridade. Com isto, as primeiras aulas foram destinadas às avaliações diagnósticas para selecionar as matérias a abordar nos diferentes módulos e os respetivos níveis e objetivos. De seguida, distribuímos os módulos ao longo do ano letivo, tendo em conta a rotação de espaços elaborado pela diretora de instalações (a orientadora de Estágio, a Dr.^a Olga Fonseca, com a ajuda do grupo disciplinar) e o número efetivo de aulas, efetuando uma análise das interrupções letivas e dos feriados existentes nos dias das aulas. Posto isto, executámos a planificação anual onde decidimos abordar os Jogos Desportivos Coletivos no exterior, o módulo de Atividade Física Contexto e Saúde na sala de aula e a Dança, a Ginástica e o Badminton no ginásio. O módulo teórico foi planificado, no entanto, já prevíamos que iria sofrer alterações devido às condições climatéricas que não nos permitiriam lecionar a aula prática e desta forma recorriamos ao módulo teórico. Na distribuição dos módulos por períodos, tivemos o cuidado de concluir pelo menos um módulo por período, visto que, nos cursos profissionais a nota é atribuída no final de cada módulo.

Ao longo do ano a planificação anual sofreu algumas alterações devido às condições climatéricas que nem sempre permitiram o cumprimento daquela planificação como já tínhamos previsto. Outras das razões foi uma substituição de uma aula em que a professora de outra disciplina não podia lecionar e avançámos uma aula, para além desta ainda surgiu a visita de estudo da turma

que coincidiu com o dia da aula de educação física e ainda a ausência da professora orientadora devido ao acompanhamento dos alunos do Desporto Escolar a outra escola.

3.1.2 – Unidades Didáticas

O planeamento da Unidade Didática (UD) é muito mais do que a distribuição das matérias pelas diferentes aulas, este é a base para o desenvolvimento com qualidade do processo real do ensino (Bento 2003). A elaboração das Unidades Didáticas é por isso muito importante, visto que estas são o suporte do professor para lecionar as aulas, estas ajudarão o docente a conduzir o processo de ensino-aprendizagem com mais eficácia. Elas contêm os aspetos técnicos e táticos, as estratégias, os objetivos a alcançar de cada modalidade e várias sugestões de progressões pedagógicas, que o auxiliarão na planificação das aulas. É importante realçar que as unidades didáticas são partes essenciais do programa de uma disciplina, visto que, compõem unidades fundamentais do processo pedagógico, para além disso mostram aos professores e alunos fases claras e distintas de ensino e aprendizagem. (Bento 2003)

Ao longo do ano foram construídas as várias Unidades Didáticas referentes às matérias a lecionar, começamos por elaborar em primeiro lugar as unidades didáticas dos primeiros módulos que iríamos abordar, ou seja, a UD de Dança e Voleibol, com o objetivo de criar um documento orientador para o processo de ensino-aprendizagem destas modalidades. Após a sua elaboração, desenvolvemos a unidade didática e o documento para as aulas teóricas, de acordo com os objetivos dos PNEF para os cursos profissionais, visto que este módulo poderia ser lecionado a qualquer momento e, seguidamente, fomos realizando as restantes unidades didáticas, antes da abordagem de cada módulo.

A estrutura das UD's assenta numa estrutura composta por uma apresentação da história da modalidade, da caracterização da modalidade, das regras da modalidade, dos recursos materiais, temporais, espaciais e humanos, dos

objetivos gerais e específicos, dos conteúdos, das estratégias, da extensão e sequência de conteúdos, da avaliação diagnóstica, formativa, sumativa e autoavaliação, dos relatórios das avaliações diagnóstica e sumativa. Para concluir as UD's, foi realizado um balanço final relativamente a todo o trabalho desenvolvido ao longo da lecionação da matéria, tendo como objetivo perceber os pontos positivos e negativos de forma a fazer correções futuras. Na criação das UD's, houve a consideração de aspetos como a especificidade da turma, as características individuais dos alunos, os materiais e espaços disponíveis, com o propósito melhorar e adaptar o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Damiano (1996) é preponderante que a Unidade Didática se apoie essencialmente num modelo curricular de recorte aberto, em que o professor tem a liberdade e criatividade para a ajustar ao contexto evitando uma rigidez na transmissão de conteúdos que pode tornar-se contraproducente caso os professores não adaptem as suas aulas às necessidades dos alunos.

3.1.3 – Plano de Aula

Bento (2003) refere que o plano de aula é o elo final da cadeia de planeamento de ensino, devendo partir do planeamento da UD, pelo que a aula deverá estar integrada no processo global da UD. O mesmo autor afirma que os planos de aula correspondem ao nível de planeamento mais concreto, que traduz a realização metodológica do ensino e o balanço das atividades concretas do professor.

O plano de aula é uma ferramenta de extrema importância para o decorrer da aula. É neste documento que se encontra a planificação da aula, as tarefas a realizar seguindo uma sequência lógica, os objetivos propostos para cada uma delas, a organização e os estilos de ensino a utilizar.

No início do ano letivo, em colaboração com os elementos do núcleo de estágio, foi elaborado o modelo de plano de aula. Após este trabalho, cada plano de aula era realizado individualmente, tendo em conta os objetivos específicos definidos na UD e a realidade concreta da turma. O plano de aula foi dividido em três

partes: parte inicial, parte fundamental e parte final, este estava estruturado com características temporais, tarefas, objetivos específicos, organização, critérios de êxito/componentes críticas, e estilos de ensino a adotar (Anexo B). A parte inicial tinha o propósito a realização de uma breve revisão da aula anterior, a exposição dos objetivos da aula aos alunos e a preparação dos alunos para a atividade física através da realização de aquecimento lúdico e específico, de acordo com a modalidade a lecionar na aula. Era também nesta parte que tentávamos criar um clima de aula agradável desde o início. Na parte fundamental eram transmitidos os conteúdos através de exercícios mais específicos, por forma a atingir os objetivos da aula. As nossas escolhas das tarefas tinham como objetivo a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, o máximo de empenho motor e a aproximação das tarefas à situação real de jogo. Nesta parte da aula acontecia a introdução e a exercitação dos conteúdos e da transmissão de feedbacks com a finalidade de criar novas aprendizagens ou a corrigir as que foram mal adquiridas. Por fim, na parte final da aula os alunos ajudavam na recolha do material, nós transmitíamos os conteúdos a abordar na próxima aula e quando achávamos pertinente que realizávamos uma revisão dos conteúdos abordados na aula. Para além disso os planos de aula construídos faziam ainda referência à UD abordada, ao número da aula do ano letivo, à função da sessão, aos estilos de ensino predominantes, aos critérios de êxito, aos objetivos gerais, ao local onde a mesma se desenrolava, ao material necessário e ao sumário.

Para a elaboração do plano de aula tínhamos em atenção vários aspetos, principalmente, ao desenvolvimento dos alunos nas várias tarefas, os recursos disponíveis para uma tarefa, a organização da aula para diminuir os tempos de transição, a possibilidade de aumentar ao máximo o tempo de empenhamento motor dos alunos durante toda a aula e o estilo de ensino a adotar. Relativamente, ao modelo de ensino mais utilizados foram o ensino por comando, por tarefa, recíproco e Teaching Games for Understanding (TGfU), por serem aqueles que mais se identificavam com as necessidades da turma e com os módulos a abordar.

Importante esclarecer que o plano de aula deve ser flexível, de modo a ser possível ajusta-lo sempre que surjam imprevistos, mas mantendo os seus

objetivos, quando os recursos o permitirem. Estes foram acompanhados da respetiva justificação, na qual eram fundamentadas as opções tomadas, relativamente à seleção dos exercícios e objetivos dos mesmos. No final de cada aula era realizada uma análise reflexiva sobre o decorrer de toda a aula, fazemos um avaliação sobre a nossa capacidade de lecionar, os aspetos positivo e negativos a ter em conta para não voltarem acontecer nas aulas seguintes.

3.2 – Realização

Um bom professor deve encontrar formas para manter os seus alunos empenhados tendo em vista o objetivo, durante um determinado período de tempo, sem ser necessário intervir e/ou punir. As quatro dimensões do processo ensino aprendizagem estão simultaneamente presentes nos episódios de ensino. (Siedentop, 1998)

A parte efetivamente prática do Estágio assenta neste ponto, é neste que nós aplicamos os conhecimentos e aprendizagens adquiridas em prática com o contexto real e onde verificamos se as opções tomadas na fase de planeamento foram as mais corretas.

Na realização devemos ter em conta quatro pontos, a instrução, gestão, clima/disciplina e decisões de ajustamento. Estes são os pontos fundamentais a ser desenvolvidas ao longo do Estágio Pedagógico, ou seja, potenciar aprendizagem nos domínios psicomotor, cognitivo e sócio afetivo, a qualidade da instrução, do clima/disciplina, a gestão ativa da aula, feedback pedagógico e a avaliação.

No início do Estágio, a nossa maior preocupação era controlar a turma e proporcionar um bom clima de aula, por isso procurámos criar regras claras com os alunos, facilitando todo o processo de ensino, para isso, transmitimos as principais regras a respeitar nas aulas de Educação Física e salientamos a importância das mesmas para facilitar o decorrer das aulas. As primeiras aulas foram fundamentais para conhecermos a turma e atenuar a ansiedade inicial. Este processo foi progressivo, ao longo deste estágio fomos evoluindo,

inicialmente, cometemos alguns erros mas fomos ultrapassando algumas dificuldades e as intervenções foram sendo cada vez melhores.

Neste ponto iremos descrever todas as ações de condução da aula desenvolvidas nas dimensões de instrução, gestão, clima/disciplina e decisões de ajustamento.

3.2.1 – Dimensão Instrução

Carreiro da Costa (1995) refere que para uma eficácia na apresentação dos exercícios é necessário realizar uma apresentação num curto espaço de tempo, de uma forma clara e objetiva. No entanto, Siedentop (1998) afirma que os professores de Educação Física dedicam 10% a 50% do tempo de aula em instrução.

Esta dimensão instrução compreende todos os comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica que fazem parte do reportório do professor, ou seja, neste processo comunicativo em que são transmitidas as informações aos alunos há quatro aspetos fundamentais a considerar: preleções, questionamento, feedback e demonstração.

Durante as aulas nos momentos de instrução tivemos sempre a preocupação que os alunos estivessem no nosso campo de visão e posicionados de costas para as fontes de distração.

Quanto às minhas práticas, na parte inicial da sessão, procurámos criar algumas rotinas que tornassem mais fácil este processo. Assim, sempre que iniciávamos a aula, os alunos deviam estar em meia-lua para a realização da chamada e para a transmissão dos objetivos da aula. Procurámos que as transmissões fossem rápidas e claras. Nesta fase aproveitávamos ainda para apresentar o exercício de aquecimento para ganhar tempo de aula, uma vez que os alunos já estavam reunidos e prontos a ouvir a informação.

No que diz respeito às preleções ao longo da aula, principalmente na explicação das tarefas, foi onde tivemos mais dificuldades inicialmente devido a não nos

sentirmos muito confortáveis na comunicação, ou seja em termos concisas no que queríamos transmitir o que por vezes parecesse confusa. Esta dificuldade foi colmatada com alguma preparação da informação a transmitir na aula, em casa, de forma a nos sentirmos mais confiantes. A experiência ao longo das aulas também nos ajudou a superar esta dificuldade.

A demonstração ajudava os alunos a perceber a forma correta de executar a tarefa. Segundo Sarmiento (s/data), demonstrar é proporcionar uma comparação da própria execução com a do modelo, com o objetivo do praticante ter uma percepção da realização do gesto de acordo com a melhor técnica. Assim, nas demonstrações realizadas ao longo das aulas, procurámos ter, sempre todos os alunos controlados, para que estivessem com atenção. De seguida, utilizávamos os alunos como agentes de ensino, sempre que era possível, visto que nem sempre apresentavam capacidades para o fazer, nestes casos optávamos por ser a professora a fazer a demonstração se executasse corretamente o exercício. Caso, a demonstração não fosse a mais correta pedíamos que executassem a tarefa novamente, mas antes corrigíamos a sua prestação motora através da transmissão das componentes críticas. Nas UD's em que haviam alunos que demonstravam grandes capacidades, sempre que possível procurámos a sua colaboração para a execução das demonstrações, apenas fomos o modelo da demonstração em Voleibol e Dança, nesta última depois de adquirirem os passos e executarem de forma correta, nós utilizávamos os alunos para demonstrarem as tarefas.

As demonstrações, para além de exemplificar os gestos técnicos, também tinham a função de ajudar na explicação da organização dos exercícios a realizar. Preocupámo-nos em mencionar sempre as componentes críticas dos exercícios, tendo como foco sempre os objetivos mais específicos de acordo com o que queríamos trabalhar em determinada aula.

Segundo Aranha (2007), o feedback é toda a reação verbal e não-verbal do professor perante a ação do aluno, relacionada com os objetivos da aprendizagem. Esta dimensão de intervenção foi uma das que tivemos mais dificuldades, devido à falta de experiência, pois ao longo das aulas fomos ultrapassando esta dificuldade, conseguimos estar mais calmos e organizar a aula, de forma a termos oportunidades de dar feedbacks para os alunos

melhorarem os seus desempenhos. Depois de ultrapassarmos estas dificuldades, começamos a ser mais eficazes nos feedbacks descritivos e prescritivos, em algumas situações em conjunto com o feedback realizamos uma demonstração da execução correta, obtendo uma melhor resposta. Neste sentido pensamos que existiu uma evolução ao longo do estágio pedagógico.

Por fim, quanto ao questionamento era mais utilizado quando introduzíamos os conteúdos, de modo a perceber se existia a aquisição dos mesmos por parte dos alunos. No entanto, deveríamos ter recorrido mais ao questionamento, visto que, tínhamos um feedback concreto do que os alunos adquiriram.

Ainda para nos ajudar na instrução recorreremos a um bom posicionamento, em relação à turma e a meios gráficos auxiliares, principalmente na UD de Ginástica.

3.2.2 – Dimensão Gestão Pedagógica

A dimensão gestão é um elemento chave no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o professor tem de gerir o tempo, os comportamentos, as aprendizagens e o clima emocional, de forma a conseguir uma harmonia entre todos e garantir o sucesso da aula. Tal como afirma, Siedentop (1983), “a gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do Professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades da aula, um número reduzido de comportamentos dos alunos que interferiam com o trabalho do Professor, ou de outros alunos, e um uso eficaz do tempo de aula”. A este propósito Claro & Filgueiras (2009) referiram que a capacidade do professor para manter um meio que beneficie os alunos na aquisição de aprendizagens, é algo que determina a qualidade de gestão da aula. Para tal, é exigido ao professor um vasto conjunto de competências relativas à comunicação, organização, regras e atitudes capazes de manter um bom clima de aula.

Durante o Estágio Pedagógico foi possível verificarmos que conseguir uma gestão eficaz da aula é muito importante para diminuir os comportamentos inapropriados, facilitando uma rentabilização do tempo útil de aula. Desta forma, procurámos criar algumas estratégias, ao longo do estágio, tais como: antes de

iniciar preleção, certificávamo-nos que os alunos estavam controlados; pensámos no modo de organização dos grupos e a transição entre exercícios tendo em consideração o número de grupos e elementos em cada um deles, mantendo sempre que possível o mesmo número; o primeiro exercício antes de iniciarmos a aula já estava organizado; preparámos sempre o material de forma a facilitar a sua utilização; a preleção do exercício de aquecimento era realizada na parte inicial da aula ainda com a turma reunida; desenvolvíamos exercícios de forma a garantir rápidas transições e possibilitando ao máximo o empenhamento motor aos alunos; nos exercícios em que a turma trabalhou em dois grupos separadamente, explicávamos os exercícios a um de cada vez, assim, perdíamos pouco tempo na transição e os alunos estavam mais tempo em empenho motor; e relativamente, ao clima tentamos preservar sempre o clima positivo entre o professor-alunos e alunos-alunos. Estas estratégias foram facilitando a gestão da aula, conseguimos na maioria das aulas uma boa organização, empenho e clima que permitiram maximizar o tempo de prática dos alunos que se traduziu na real aprendizagem dos mesmos. Nem sempre foram bem-sucedidas porque não foram bem aplicadas, quando isto acontecia tínhamos a preocupação de corrigir na aula seguinte. Importa salientar que as estratégias implementadas para aumentar o tempo útil de aula estão dependentes da matéria a lecionar e do espaço da mesma, estas devem ser ajustadas sempre que necessário.

3.2.3 – Dimensão Clima/Disciplina

Siedentop (1998) refere que os alunos aprendem melhor numa turma disciplinada, é óbvio que não existem dúvidas que um sistema organizado e a aplicação de boas estratégias disciplinares criam um clima onde é mais fácil aprender.

No início do Estágio Pedagógico procuramos implementar um clima positivo, para isso, na primeira aula transmitimos a importância do respeito entre todos os intervenientes e a implementamos algumas regras que deviam de respeitar em todas as aulas, pois se todos colaborassem na aula, em conjunto conseguíamos

adquirir conhecimentos de uma forma divertida, tendo nas aulas de EF um momento de prazer. Estabelecer uma relação adequada com os alunos é um fator predominante para ganhar a confiança dos alunos. Mais importante do que intervir sobre os comportamentos inapropriados é desenvolver os comportamentos adequados e desta forma prevenir as perturbações que pudessem surgir. (Siedentop 1983)

Esta situação inicial permitiu-nos lecionar de uma forma descontraída, evitando uma intervenção severa, não deixando, apesar disto, de sermos exigentes nas tarefas e nas regras. Tornava-se por vezes difícil a manutenção deste clima, pois era necessário chamar à atenção de determinados alunos devido aos seus comportamentos inapropriados. Quando existia na aula um clima menos positivo, identificávamos o problema e tentávamos solucionar para que o clima fosse positivo.

A formação de grupos nas aulas era uma das estratégias que funcionava, visto que a turma desenvolvia um bom trabalho de grupo. Esta era feita ao critério dos alunos, porém, nem sempre resultava devido aos alunos com comportamentos desajustados que tinham influência no grupo/turma e levava os colegas a comportar-se de igual forma. Com esta situação optamos por colocar os alunos que apresentavam com algumas regularidade comportamentos fora da tarefa, em grupos com elementos bem comportados e que estes não tinham qualquer influência, desta forma, os alunos sentiam a responsabilidade de colaborar com os colegas no processo de aprendizagem. Outra das situações onde resultou um clima menos positivo foi na UD de Voleibol com a criação de grupos de níveis, o facto dos alunos perceberem que a formação dos grupos era consoante os seus desempenhos, os alunos com mais dificuldades sentiram-se ofendidos, este caso resolvemos através de uma breve explicação sobre a importância de estarem a superar cada um as suas dificuldades, pois assim, todos estavam a desenvolver as suas capacidades, os alunos em questão entenderam e nas aulas seguintes apresentaram-se motivadas e com vontade de ultrapassar as suas dificuldades. As estratégias aplicadas ao longo das aulas tiveram resultados positivos, a turma foi percebendo a dinâmicas das aulas e assim além de desenvolverem as suas capacidades conseguimos um clima positivo.

A dimensão clima não se pode dissociar da dimensão disciplina, posto isto, procurámos que os comportamentos fossem apropriados, impedindo que os comportamentos inapropriados surgissem nas aulas. Relativamente à disciplina, a turma não apresentou comportamentos muito graves, as únicas situações foram resolvidas no momento, através de uma chamada de atenção para o comportamento, como por exemplo, a não utilização dos telemóveis dos alunos dispensados. Podemos concluir, que na maioria das aulas conseguimos um clima positivo.

3.2.4 – Decisões de ajustamento

As Decisões de Ajustamento são uma necessidade no trabalho do professor ao longo de todo o seu percurso, este deve ter a capacidade de resolver imprevistos, reajustar sempre que necessário.

Ao longo do Estágio Pedagógico, tivemos de colocar em prática esta capacidade de resolver imprevistos, no plano de aula foram mais frequentes as decisões de ajustamento, estas surgiram devido ao número de alunos, sempre que alguém faltava ou não realizava aula prática, na turma que lecionamos eram bastantes frequentes estes dois casos, por isso, os ajustes aconteceram em quase todas as aulas. Uma das situações mais predominantes aconteceu numa das aulas de voleibol, em que tínhamos planificados exercícios para a correção dos principais erros que os alunos na sua generalidade estavam a cometer e quase metade da turma faltou ou não realizou aula prática, nesta situação tivemos por optar por excluir um dos exercícios e nos outros reajustar o número de alunos por tarefa, no entanto, o objetivo da aula que era colmatar alguns erros não foi concretizado na sua totalidade. Outra das situações em que ajustamos o plano de aula foram as condições climatéricas que nem sempre permitiam lecionar a aula prática e optávamos por dar aula teórica, posto isto, preocupávamos em ter preventivamente o “plano B”, ou seja, a aula teórica estava sempre preparada caso fosse necessário lecionar.

Outras decisões de ajustamento foram referente a alterações de aula para aula, após uma reflexão sobre a aula lecionada, verificamos que cometemos alguns erros e/ou podíamos ter optado por uma situação mais correta. As observações das aulas também nos ajudavam a utilizar ideias que resultaram muito nas aulas observadas.

As decisões de ajustamento utilizadas na nossa opinião foram na sua maioria bem conseguidas, também é de salientar que ao longo do Estágio foi notória uma evolução.

3.3 – Avaliação

A avaliação pedagógica pode ser considerada o ajuizamento do nível de adequação entre as informações e os critérios, adaptados a um objetivo definido anteriormente, com vista a uma tomada de decisão. (De Ketele, 1981)

A avaliação é um elemento preponderante no aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem, permitindo diagnosticar, classificar segundo níveis de capacidade, dispensar matéria do programa, prever níveis de desempenho, determinar níveis de aquisição, especificar a dimensão dos progressos, motivar os alunos, determinar notas, avaliar o ensino, justificar programas e avaliar o currículo. Assim a avaliação que está presente ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem é muito importante porque esta é mais do que avaliar, ela tem um papel informador para todos os intervenientes, é através desta que o aluno tem a possibilidade de perceber a qualidade do seu desempenho de acordo com os objetivos delineados no início do ano, o professor tem a oportunidade de verificar a eficiência do seu trabalho, permitindo reajustar as suas estratégias e possibilitar um maior desenvolvimento dos alunos, os pais conseguem verificar se os seus educandos atingem os objetivos da disciplina e a sociedade obtém a informação sobre o estado do sistema educativo. (Safrit 1973)

Cardinet (1983) define as três funções didáticas da Avaliação como: regulação do processo de Ensino-Aprendizagem, referente à Avaliação Diagnóstico;

certificação ou validação de competências, referente à Avaliação Sumativa; e seleção ou orientação da evolução futura dos alunos, referente à avaliação formativa. No início do ano letivo, logo nas primeiras aulas foram realizadas todas as avaliações diagnósticas, com o objetivo de decidir e organizar todos os conteúdos que iríamos abordar. Estas foram analisadas nas unidades didáticas de forma a planificar o processo de ensino-aprendizagem consoante o contexto real. No decorrer das aulas realizamos em alguns módulos a avaliação formativa para perceber especificamente as maiores dificuldades e reajustar e regular o ensino. No final de cada módulo realizávamos uma avaliação sumativa onde eram atribuídas as classificações resultantes das prestações dos alunos ao longo do módulo.

3.3.1 – Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica, “Pretende averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes” (Ribeiro, 1999, p.79). Após o registo de todos os dados desta primeira avaliação, o professor cria estratégias e define objetivos de adequação do processo de ensino-aprendizagem tendo em vista as necessidades dos alunos.

Optámos por realizar as avaliações diagnósticas no início do ano letivo. O núcleo de estágio decidiu para os Jogos Desportivos Coletivos, a Dança e o Badminton, avaliar o nível (não introdutório, introdutório, elementar e avançado) em que cada aluno se encontrava, tendo como base o que é pretendido para cada nível no Programa Nacional de Educação Física, para nos facilitar este registo, realizámos previamente um documento onde estavam referidos os níveis de desempenho em cada modalidade. Este método foi sugerido pela orientadora da escola, visto que, tínhamos pouca prática e não conhecíamos os alunos. A Ginástica foi realizada através de exercícios critério, onde registávamos o desempenho em cada aluno nos vários exercícios (não executa, executa com dificuldade e executa).

Começamos por avaliar os alunos nos vários jogos desportivos coletivos (Voleibol, Andebol, Basquetebol e Futebol), visto que, era o primeiro módulo a ser lecionado e tínhamos de definir apenas uma das modalidades para abordar ao longo deste, depois de concluirmos todos os registos verificamos que a turma na sua generalidade apresentava o mesmo nível de desempenho a todas as modalidades, por isso, optamos por ir ao encontro da preferência da turma. Para avaliação diagnóstica de dança, pedimos que os alunos preparassem uma coreografia para apresentar, do estilo que pretendessem, contudo, apenas dois alunos apresentaram coreografias de estilos diferentes. Esta avaliação também tinha o propósito de entendermos qual o estilo de dança que os alunos mais gostavam. Visto que, não chegamos a um consenso optamos pela salsa. Na avaliação de ginástica optamos por exercícios critérios dos vários elementos gímnicos, assim percebemos as diferenças de níveis existente na turma e com isto planificar com vista à evolução de todos. Depois de todas as avaliações, orientamos o processo de ensino-aprendizagem em função destes níveis, adequando a cada um dos alunos as tarefas de aprendizagem.

3.3.2 – Avaliação Formativa

A avaliação formativa (AF) segue todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens e as dificuldades, ajudando o professor a identificar erros existentes no processo e a adotar estratégias, com o objetivo de conseguir o sucesso dos alunos. Esta possibilita o ajustamento deste processo da forma mais correta, tendo sempre em vista o objetivo o desenvolvimento aprendizagens dos alunos. Tal como referem os autores Rosado & Colaço (2002) a avaliação formativa é “um instrumento para detetar as dificuldades e os êxitos dos alunos no decorrer do processo de ensino-aprendizagem e, também como um meio para adaptar o ensino às diferenças individuais observadas na aprendizagem”.

Ao longo do estágio realizamos algumas avaliações formativas, optamos sempre que estas fossem informais. Nestas tínhamos o cuidado de verificar as capacidades psicomotoras bem como as cognitivas, para além disso,

observamos o empenho e participação ao longo das aulas, que por sua vez é uma componente bastante valorizada na escola, assim um aluno esforçado e empenhado era valorizado, independentemente de não ser tão apto tecnicamente. Esta situação obrigava os alunos mais aptos a empenharem-se nas tarefas da aula.

A avaliação formativa não foi possível em todos os módulos devido, principalmente, ao número reduzido de aulas definidos para alguns deles. Por exemplo no módulo de dança apenas tínhamos seis aulas e três foram usadas para as avaliações diagnóstica e sumativa, tendo apenas três aulas para lecionar conteúdos. Aos módulos que realizamos as avaliações formativas foram importantes porque nos permitiram reajustar os exercícios a desenvolver e a organização da aula à turma. Por exemplo na UD de voleibol verificamos com a avaliação formativa que era necessário continuar a insistir nos gestos técnicos passe e manchete porque a turma estava a apresentar ainda bastantes dificuldades e não era benéfico avançar nos conteúdos.

Com esta avaliação conseguimos transmitir aos alunos novos objetivos tendo em conta o seu desenvolvimento e as dificuldades que ainda estão presentes, desta forma o aluno tinham um feedback dos principais erros que estavam a cometer e trabalhavam com mais empenho para os conseguir corrigir.

3.3.3 – Avaliação Sumativa

A Avaliação Sumativa (AS) pretende avaliar o desenvolvimento realizado pelo aluno no final da unidade de aprendizagem, com o objetivo de comparar resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e conseguir indicadores que permitam aprimorar o processo de ensino

A avaliação sumativa refere-se ao produto final, ou seja, é nesta que o aluno apresenta todos os conhecimentos e aprendizagem adquiridas, a partir da primeira aula de avaliação diagnóstica até à última de avaliação sumativa (Ribeiro, 1999). Deste modo conseguimos perceber a evolução do aluno na modalidade avaliada, e ainda se este foi capaz de atingir os objetivos definidos.

É através da análise de todo este processo que o professor atribui uma classificação ao aluno. Para além disso, a AS serve para o professor realizar uma reflexão final do processo ensino-aprendizagem.

Para a realização das avaliações sumativas foram construídas grelhas de avaliação desenvolvidas individualmente e algumas com a ajuda das colegas do núcleo de estágio, antes de as utilizarmos, estas eram revistas e confirmadas pela professora orientadora. As principais preocupações na elaboração das grelhas de avaliação foram, os critérios de avaliação já definidos pela escola, se íamos ao encontro dos objetivos definido inicialmente e ainda, se estas eram de registo fácil. Estas preocupações ajudaram-nos no dia em que as tivemos de utilizar, a AF também facilitou este processo, sendo que através das observações do desempenho dos alunos ao longo das aulas possibilitou a atribuição de uma classificação, visto que, já tínhamos uma perceção global do nível de todos os alunos. Segundo Fernandes (2008), o que interessa retirar da avaliação sumativa é: “a) se o aluno ficou a perceber; b) como é que ultrapassou as dificuldades; c) as razões que poderão ter impedido que assim acontecesse; e d) o que efetivamente foi feito pelo aluno e pelo professor para dissipar as dificuldades”.

Na AS optámos por utilizar uma escala de 0 a 20, que achávamos que seria mais justa. Os critérios de avaliação definidos pela escola consistiam em 75% para o domínio cognitivo e psicomotor (estes 75% resultam de 50% da nota do teste prático com 50% da participação ao longo das aulas das unidades didáticas) e 25% para as atitudes e valores.

Relativamente à autoavaliação, a escola já tinha desenvolvido a ficha para os alunos avaliarem as suas próprias ações. Esta era preenchida pelos alunos, depois de lhes ser transmitida a nota qualitativa do teste prático, os alunos tinham de converter essa nota qualitativa em quantitativa, para além disso, tinham de classificar a sua participação nas aulas numa escala de 0 a 20 e as atitudes e valores numa escala de 0 a 5. Nesta os alunos devem ser capazes de realizar uma reflexão sobre o seu desenvolvimento ao longo da unidade didática.

Com a reflexão da avaliação sumativa, percebemos se cumprimos os objetivos definido para a unidade didática, quais foram os aspetos que poderiam ser melhorados, quais os aspetos positivos.

Relativamente, a autoavaliação era realizada na última aula de cada módulo, para proceder a esta, nós distribuíamos as fichas destinadas para autoavaliação e transmitíamos a notas qualitativas no teste prático, depois disso, os alunos autoavaliavam-se na participação, nas atitudes e valores e atribuíam uma nota final de todo o seu desempenho. No final analisávamos todas as notas e só se surgisse algum problema/dúvida apresentada pelos alunos em relação à nota que achariam que iam ter é que discutíamos as razões que podiam alterar essa mesma nota.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA

4.1 – Experiências e aprendizagens adquiridas ao longo do Estágio

Esta experiência deu-nos a possibilidade de colocar em prática todo o conhecimento e trabalho desenvolvido ao longo do mestrado e da licenciatura.

A prática pedagógica foi fundamental para a nossa evolução, apesar de alguma inexperiência inicial com todas as tarefas que iam surgindo, principalmente na planificação de todo este processo, o facto de nos podermos ajudar entre o núcleo foi muito importante porque conseguimos trabalhar sempre como grupo e sempre que precisávamos sabíamos que teríamos apoio, a professora orientadora através da supervisão ajudou-nos a perceber a forma correta de construir uma planificação rigorosa e ao mesmo tempo flexível pois alertou-nos para os imprevistos que poderiam acontecer. A elaboração das UD' s permitiu-nos um conhecimento mais aprofundado relativamente a cada matéria que lecionamos. Ainda com as UD's compreendemos a sua função de guia para o professor, através deste documento conseguimos realizar o plano de aula com mais eficácia e consoante os objetivos definidos a atingir. Na realização dos planos de aula aprendemos a gerir o tempo para cada exercício, a tarefa mais acertada para o objetivo específico que estávamos a trabalhar e a gerir o espaço de aula reduzido da forma mais acertada para o máximo de empenho motor dos alunos. Uma boa planificação da aula ajudava-nos a agir controladamente em todas as situações.

Na instrução verificamos que tínhamos dificuldade nas preleções e nos feedbacks, por isso, desde o início tínhamos o cuidado de treinar as preleções, assim na aula conseguíamos um bom desempenho a este nível, relativamente, aos feedbacks com o passar do tempo, eram mais pertinentes e ajustados a cada aluno. A organização e gestão da aula, no início, era mais complicada, principalmente, devido ao espaço limitado para a aula, porém, temos de ser capazes de nos adaptar a todas as situações da melhor forma, com o decorrer do tempo, foram acontecendo naturalmente. Ao longo de todas as aulas

verificou-se um clima relacional positivo entre todos os intervenientes, não existiram problemas de indisciplina.

Com a avaliação entendemos a importância dos tipos de avaliação no trabalho do docente para este conseguir desenvolver com sucesso o processo de ensino-aprendizagem.

Para finalizar, sentimos que este estágio foi uma importante experiência na nossa formação como professores de EF, desenvolvemos muitas das nossas capacidades sabendo que ainda podemos melhorar com trabalho e vontade de aprender mais.

4.2 – Ensino-aprendizagens

4.2.1 – Compromissos com as aprendizagens dos alunos

No início do ano foi-nos atribuída uma turma, da qual assumi o compromisso das suas aprendizagens relativas à disciplina de Educação Física. Inicialmente foi-nos informado que era uma turma do ensino profissional, por isso, achamos por bem conhecer tudo o que envolve o ensino profissional e principalmente quais os objetivos a atingir com a turma na disciplina de EF.

Neste sentido, sentimos que conseguimos bom desempenho, aplicamo-nos para proporcionar aos alunos as melhores atividades, para a aquisição de conhecimentos e habilidades motoras. No que diz respeito, às capacidades dos alunos foi evidente a sua evolução. Na modalidade de dança e ginástica foi onde se verificou mais a evolução dos alunos, na primeira os alunos revelaram gosto pela dança e empenharam-se em todas as aulas, mostrando sempre vontade de aprender mais. Na ginástica a turma apresentava diferentes níveis de desempenho, por isso optamos por um trabalho em grupos de nível que na nossa opinião resultou muito bem.

No nosso entender, achamos ter desenvolvido um bom trabalho com a turma, conseguindo desenvolver as capacidades dos alunos na disciplina de EF.

4.3 – Dificuldades e necessidades de formação

4.3.1 – Dificuldades sentidas

Quando chegamos à escola sentimos alguns receios e dificuldades iniciais, visto que, muitas coisas eram novidade para nós. A primeira dificuldade prendeu-se com o ensino profissional, apesar do conhecimento da existência destes cursos, não tínhamos conhecimentos do seu funcionamento e organização, desta forma, procuramos adquirir o máximo de conhecimentos sobre este tipo de cursos, através da leitura do Programa Nacional de Educação Física para os cursos profissionais de nível secundário e ainda com a ajuda da professora orientador que nos fez alguns esclarecimentos e sempre que surgiam dúvidas ela explicava-nos como devíamos proceder nas várias situações.

Na planificação das aulas, tivemos alguma dificuldade, inicialmente, em definir tarefas de modo a trabalhar objetivos específicos e na adaptação de alguns exercícios para o espaço limitado da aula, principalmente nas aulas de Badminton.

Na realização da aula a maior dificuldade foi na instrução, mais precisamente, na preleção e nos feedbacks. Como já referíamos anteriormente, na preleção tínhamos dificuldade em ser claras e concisas na explicação na tarefa, desta forma, o tempo de instrução era mais longo e os alunos poderiam ter alguma dificuldade em perceber o exercício. Esta dificuldade foi colmatada através de uma preparação prévia da informação que queríamos transmitir aos alunos, conseguimos desta forma ser assertivas e claras na preleção da tarefa. Relativamente, aos FB no início com a inexperiência e com a preocupação de toda a gestão da aula, tínhamos dificuldades em ministrar os feedbacks mas ao longo das aulas fomos libertando e estávamos mais confortáveis no papel do professor e dar os FB deixou de ser uma dificuldade, no entanto completar os ciclos de feedbacks continuava a ser uma dificuldade, pois eram muitos alunos e por vezes esquecíamos-nos de verificar se os feedbacks tinham o efeito pretendido. No início também tivemos algumas dificuldades no posicionamento.

Ainda, na realização uma das dificuldades foi lecionar matérias em que não tínhamos muito conhecimentos, como foi o caso da dança, para que esta lacuna não fosse perceptível, propusemo-nos de imediato a pesquisar e a aprender tudo sobre a salsa, para além disso, sempre que tínhamos alguma dúvida procurávamos esclarecê-las junto da professora orientadora. Podemos referir que todas as aulas de dança correram muito bem. As aulas teóricas também apresentaram algumas dificuldades, visto que, não nos sentimos muito confortável com o papel de professor de sala de aula, deparamo-nos com algumas dificuldades na transmissão dos conteúdos de uma forma clara e concisa. Esta situação desencadeava alguma falta de controlo da turma por querermos transmitir os conteúdos que tínhamos planeado, e por isso, nem sempre parávamos a aula para manter a turma em silêncio e sem distrações, para tentar colmatar estes aspetos, optamos por em vez de transmitir os conteúdos continuamente, decidimos preparar fichas de trabalho e atividades em que os alunos tinham um papel fundamental, desta forma, não haviam tantas distrações e eram obrigados a estar em contacto com a matéria. Assim conseguíamos estar mais calma quando transmitíamos os conteúdos porque os alunos mostravam interesse em aprender.

Na avaliação, surgiram pequenas dificuldades devido à falta de prática, visto que na transmissão da classificação temos de ter em atenção várias aspetos e por vezes não é fácil traduzi-los numa nota. Ao longo das avaliações conseguia ser mais eficaz em traduzir esses mesmos aspetos numa nota.

As reflexões finais das aulas foram fundamentais, uma vez que nos permitiam analisar todos os erros cometidos nas aulas, de forma a melhorar os nossos desempenhos nas aulas seguintes e colmatar as nossas dificuldades.

4.3.2. Importância do trabalho individual e de grupo

O trabalho individual e de grupo são muito importantes para o sucesso de todas as atividades realizadas.

Relativamente, ao trabalho de grupo conseguimos desde o início um espírito de entreatajuda entre todos os elementos do núcleo de estágio, todas as tarefas realizadas em conjunto correram sempre muito bem e procurámos ajudar-nos mutuamente, através de uma boa disposição e cooperação.

O Estágio também tem uma grande parte de trabalho individual, de responsabilidade. Este trabalho é muito importante na intervenção pedagógica, principalmente no planeamento das aulas. Neste trabalho tivemos sempre a preocupação de desenvolver um trabalho rigoroso.

4.4 – Ética profissional

A profissão de professor está intimamente ligada com o desempenho de uma boa ética profissional, visto que, este está em constantes intervenções públicas.

A ética revela-se no desempenho da profissão, através das atitudes e valores nas suas funções e relações com os outros.

Durante todo o Estágio apresentámos sempre uma boa conduta ético-profissional, enquanto professor e em todas as intervenções e relações com a comunidade escolar. A este respeito tivemos sempre um compromisso ético para com as aprendizagens dos alunos; cumprimos as regras básicas da assiduidade e pontualidade, estando sempre presentes em todas as aulas e chegando sempre algum tempo antes da aula com o objetivo preparar todo o material antes da aula começar.

Nesta dimensão é pertinente salientar que o núcleo de estágio conseguiu sempre um espírito de grupo e de união que se entreatajudou em todas as tarefas. Esta harmonia no trabalho em conjunto facilitou todo este percurso nos momentos mais complicados.

Para terminar, ao longo do Estágio apresentamo-nos em todas as atividade de enriquecimento da nossa formação, ou seja, participamos no ciclo de conferências de didática da Educação Física: a dança como matéria de ensino, o Badminton como matéria de ensino e a ginástica como matéria de ensino,

ainda estivemos presentes na atividade Oficina de Ideias, nas II Jornadas Científico-Pedagógicas e no V Fórum Internacional das Ciências da Educação Física. A participação nestes eventos deu-nos a possibilidade de desenvolver e adquirir conhecimentos na nossa área de formação.

4.5 – Questões dilemáticas

A primeira questão surgiu quando nos foi atribuída uma turma do curso profissional, na qual surgiu a questão de como funciona todo o processo de ensino-aprendizagem nestes cursos. Para resolver esta questão recorremos a uma leitura do PNEF para os cursos profissionais e procurámos informação junto da professora orientadora.

Outras das questões que surgiram quando verificamos a constituição da turma que nos foi atribuída, os espaços disponíveis e o tempo para as aulas de EF, foi possível de imediato perceber que as turmas são muito grandes para o tempo de aula e o espaço reduzido que tínhamos disponíveis. Estas situações dificultam o processo de ensino-aprendizagem, com turmas mais pequenas o aproveitamento dos alunos nas aulas era melhor e o professor tinha mais facilidade em desenvolver um trabalho pertinente tendo em vista o aluno como elemento principal neste processo. A escola em que lecionamos encontramos efetivamente poucas infraestruturas, tendo por vezes dificuldade em manter a turma no mesmo espaço.

Outra das questões que surgiu ao longo do Estágio Pedagógico foi o ponto de partida para o nosso tema problema, isto é, a falta de motivação dos alunos nas aulas de Educação Física e perceber o que os motivaria para a sua participação.

CAPÍTULO V – APROFUNDAMENTO DO TEMA-PROBLEMA

5.1 – Enquadramento teórico

5.1.1 – A Motivação nas aulas de Educação Física

A motivação é um fator que está relacionado com as aprendizagens e desempenhos dos alunos nas aulas de Educação Física, tal como refere Maggil (1984), a motivação é essencial para a entendimento da aprendizagem e do desempenho de habilidades motoras, ou seja, tem um papel preponderante na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento. Sem motivação, os alunos em aulas de Educação Física, não exercerão as atividades, ou então, farão incorretamente (Gouveia, 2007).

Ao longo do Estágio Pedagógico fomos nos apercebendo que os comportamentos dos alunos nas aulas de EF refletiam falta de motivação para as várias atividades que desenvolvíamos na aula. Esta situação deixou-nos inquietas por não percebermos os fatores que levavam a esta atitude dos alunos perante as aulas de Educação Física, por isso, achamos pertinente realizar este estudo para entender as razões dos alunos para a desmotivação nas aulas de EF. Segundo Maggil (1984), o professor tem a responsabilidade no desenvolvimento e aprendizagens dos alunos, posto isto, deverá compreender os fatores mais acertados para as aprendizagens e aproveitamento dos mesmos.

Para Múrcia, González e Sicília (2008) quando um indivíduo está motivado demonstra interesse, uma atitude positiva, maior concentração e empenho, tem melhores resultados e interesse em continuar a prática, por outro lado uma pessoa com pouca motivação sente-se aborrecida, tem pensamentos negativos, o seu rendimento é fraco e perde o gosto por continuar a prática. Posto isto, verificamos que a motivação é fundamental para o desenvolvimento das capacidades dos alunos, por isso, Wintertein (1992) destaca que a teoria da

motivação parte da pressuposição de que deve existir algo que desenrole uma ação, que lhe dê uma direção com vista a um objetivo. Ao percebermos este desinteresse nas aulas de EF, começamos a ter uma maior preocupação na preparação das aulas, ou seja, planificávamos exercícios mais dinâmicos, tendo em conta os objetivos e/ou apresentávamos um maior leque de atividades que podíamos desenvolver, no entanto, continuávamos a observar esses comportamentos de desinteresse pela atividade física e mais propriamente pela disciplina de EF. No entanto é importante refletir no que referem os autores Witter e Lomônaco (1984), que explicam que a motivação intrínseca é aquela em que a atividade surge como consequência da própria aprendizagem, o material aprendido fornece o próprio reforço, a tarefa é feita porque é agradável. Já a motivação extrínseca ocorre quando a aprendizagem é concretizada para atender a um outro propósito, como por exemplo passar no exame.

Carreiro da Costa (1998), evidência que as motivações intrínsecas são mais duradouras e persistentes, visto que, estão relacionadas com prática do indivíduo e com as emoções que esta provoca nos mesmos, tendo em conta que motivos internos refletem o prazer, a alegria da realização e a satisfação da aprendizagem, que ajudam o desenvolvimento de outras necessidades, como a competência e a autonomia humana. A motivação intrínseca está relacionada com o gosto do aluno, ou seja, com a vontade própria, a determinação e o prazer que fazem com que o jovem se envolva sem medo das consequências.

Segundo Falcão (1989), para se conseguir chegar a essa motivação interna do aluno, a escola deve procurar o desenvolvimento da atividade mental, no próprio aluno, pois o que somente vem acontecendo atualmente é a transformação do estudo num meio de obter notas, elogios e presentes.

Já Robert, Kleiber e Duda (1981) apresentam três tipos de teorias motivacionais: motivações orientadas para a própria melhora, quando o objetivo principal do indivíduo é melhorar seu rendimento; motivações orientadas para a competência, quando o sujeito se compara aos demais; e por último as motivações orientadas para a aprovação social, quando o objetivo é ganhar prêmios, demonstrando sua capacidade aos demais e buscando agradar aos pais.

5.2 – Objetivos do estudo

Este estudo tem como objetivo a identificação do que motiva os alunos nas aulas de Educação Física propondo-se:

- Compreender porque é que os alunos participam nas aulas de educação física;
- Perceber quando gostam das aulas de educação física;
- Entender quando não gostam das aulas de educação física;
- Identificar as diferenças entre géneros relativamente à motivação intrínseca e extrínseca;
- Perceber o que motivaria os alunos para a participação nas aulas de educação física.

5.3 – Metodologia

5.3.1 - Participantes

Participaram neste estudo 119 alunos da Escola Secundária Homem Cristo do Agrupamento de Escolas de Aveiro, a frequentarem o 10º ano de escolaridade, dos quais 31 (26%) do género masculino e 88 (74%) do género feminino.

5.3.2 – Instrumentos

O instrumento utilizado para este estudo foi um questionário elaborado por KOBAL (1996) (Anexo D). Este é constituído por três afirmações:

- Participo nas aulas de Educação Física porque;
- Eu gosto das aulas de Educação Física quando;
- Não gosto das aulas de Educação Física quando.

A cada uma destas questões correspondiam várias afirmações, ou seja, na primeira questão estavam contempladas nove afirmações, na segunda correspondiam onze e por fim, na terceira existiam também onze afirmações, em relação às quais os participantes deviam registrar o seu grau de concordância (1- nenhuma importância, 2-pouco importante, 3-às vezes importante, 4- importante e 5- muito importante).

Para além destas, optamos por completar o questionário com, a seguinte questão, “Indica duas propostas de melhoria das aulas de Educação Física que te motivaria para a sua prática?”. Esta é a única questão de resposta aberta e tem o objetivos de nos fazer perceber o que os alunos gostam e/ou gostariam de ter nas aulas de Educação Física.

5.3.3 – Procedimentos

Para a concretização deste estudo, foi necessário, numa primeira fase, a aplicação dos questionários a todos os alunos. Esta recolha de dado aconteceu durante o mês de março, nas aulas de EF com a ajuda de todos os professores desta disciplina tentando não prejudicar as suas aulas. Para que os estudantes pudessem permitir a sua participação foi essencial informá-los sobre vários aspetos, tais como, a natureza do estudo, sem que a informação prestada influenciasse posteriormente as suas respostas, e a salvaguarda da privacidade através da confidencialidade dos questionários. De modo a que estes respondessem sem quaisquer receios e com seriedade, consideramos importante alertar para que antes do preenchimento, lessem a informação presente no cabeçalho do questionário; que este devia ser preenchido individualmente sem influências; e que os questionários seriam confidenciais.

Depois da recolha de dados, os mesmos foram tratados através do Software informático *IBM SPSS Statistics*, v. 22.0, recorrendo a estatística descritiva e tabela de frequência, para cálculo de médias, desvio padrão, máximos e

mínimos. Para verificar a existência de diferenças significativas entre os grupos em estudo, recorreremos ao Teste não paramétrico de Mann-Whitney.

5.4 – Apresentação e discussão dos resultados

1) Participo nas aulas de Educação Física porque:	Média
Gosto de atividades físicas.	4.02
As aulas dão-me prazer.	3.38
Gosto de aprender novas habilidades.	3.85
Acho importante aumentar os meus conhecimentos sobre desporto e outros conteúdos.	3.73
Sinto-me saudável com as aulas.	3.84
Faz parte do currículo da escola.	3.73
Estou com os meus amigos.	3.91
O meu rendimento é melhor que o dos meus colegas.	2.84
Preciso tirar boas notas.	3.68

Tabela 1. Resultados da 1ª questão “Participo nas aulas de EF porque”

Relativamente, à primeira questão, os alunos apontam como principais razões para a participação nas aulas de educação física, o gosto pelas atividades físicas (4.02) e a possibilidade de estarem com os amigos (3.91). Deste modo, Britto (1989) afirma que gostar de atividades físicas é um fator importante para as aprendizagens nas aulas de Educação Física. No que diz respeito, à segunda razão apontada pelos alunos, Xavier (2007) refere que os Motivos Sociais surgem para satisfazer as necessidades de estarem diretamente em contato com outros seres humanos, o que torna decisivo para o sucesso. Esta necessidade motiva os alunos para a participação nas aulas de Educação Física, principalmente, quando estão com seus amigos.

2) Eu gosto das aulas de Educação Física quando:	Média
Aprendo uma nova habilidade.	3.61
Dedico-me ao máximo à atividade.	3.66
Compreendo os benefícios das atividades propostas.	3.74
As atividades dão-me prazer.	3.67
O que aprendo faz-me querer praticar mais.	3.63
Movimento o meu corpo.	3.87
Esqueço as outras aulas.	3.63
Os professores e os meus colegas reconhecem a minha atuação.	3.35
Sinto-me integrado no grupo.	3.67
As minhas opiniões são aceites.	3.53
Saio-me melhor que os meus colegas.	2.96

Tabela 2. Resultados da 2ª questão “Eu gosto das aulas de EF quando”

No que diz respeito à segunda questão, verificamos que os alunos gostam das aulas de Educação Física, principalmente, quando movimentam o corpo (3.87) e compreendem os benefícios das atividades propostas (3.74).

3) Não gosto das aulas de educação física quando:	Média
Não consigo realizar bem as atividades.	3.21
Não sinto prazer na atividade proposta.	3.09
Quase não tenho oportunidade de jogar.	3.08
Exercito pouco o meu corpo.	3.22
Não há tempo para praticar tudo o que eu queria.	3.20
Não me sinto integrado no grupo.	2.94
Não simpatizo com o professor.	2.97
Os mesmos colegas gozam com as minhas falhas.	2.61
Alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros.	3.08
Tenho nota baixa.	2.69
As minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor.	2.76

Tabela 3. Resultados da 3ª questão “Não gosto das aulas de EF quando”

Na terceira questão, os alunos referem as razões de quando não gostam das aulas de Educação Física, nas respostas analisadas, observamos que os alunos não gostam das aulas quando exercitam pouco o corpo (3.22), por isso, é importante que o professor motive os seus alunos a praticar mais atividades físicas (Bouchad, Shephard, Stephews, Sutton e Pherson. 1990). Para além disso, referiram também não gostam quando não conseguem realizar bem as atividades (3.21), ou seja, compreendemos com isto, que o professor tem o papel motivador, ou seja, tem de fazer entender o aluno que este processo é um desafio para superar as suas próprias limitações e/ou descobrir algo que se considere útil (Souza e Filho 2008).

Motivação Intrínseca				
Género	Média	Desvio Padrão	U de Maan – Whitney	Sig.
Feminino	3,97	,78	1279,000	,572
Masculino	4,06	,113		

Tabela 4. Resultados da Motivação Intrínseca

Na análise da motivação intrínseca analisámos as afirmações referentes a este tipo de motivação nas três questões, ou seja, as afirmações analisadas foram as seguintes: gosto de atividades físicas; as aulas dão-me prazer; gosto de aprender novas habilidades; acho importante aumentar os meus conhecimentos sobre desporto e outros conteúdos; sinto-me saudável com as aulas; aprendo uma nova habilidade; dedico-me ao máximo à atividade; compreendo os benefícios das atividades propostas; as atividades dão-me prazer; o que aprendo faz-me praticar mais; movimento o meu corpo; não consigo realizar bem as atividades; não sinto prazer na atividade proposta; quase não tenho oportunidade de jogar; exercito pouco o meu corpo; e por último, não há tempo para praticar tudo o que eu queria.

Depois verificámos se existiam diferenças entre géneros e constatámos que os rapazes dão maior importância à motivação intrínseca que as raparigas. Embora esta diferença é possível percebemos que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros, feminino e masculino quanto à motivação intrínseca para a prática da aula Educação Física (sig. 0,572). Segundo Lourenço e Paiva (2010), um indivíduo intrinsecamente motivado concretiza determinada tarefa ou adota um determinado comportamento apenas pelo prazer e satisfação que o mesmo encerra em si. Concluimos assim, que os rapazes dão maior importância à sua realização e desenvolvimento pessoal, com o objetivo de se superarem e alcançarem as suas metas.

Motivação Extrínseca				
Género	Média	Desvio Padrão	U de Maan – Whitney	Sig.
Feminino	3,63	,76	1236,000	,399
Masculino	3,48	,146		

Tabela 5. Resultados da Motivação Extrínseca

Relativamente à motivação extrínseca analisámos também as afirmações relativas a este tipo de motivação nas três questões, ou seja, as afirmações analisadas foram as seguintes: faz parte do currículo da escola; estou com os meus amigos; o meu rendimento é melhor que o dos meus colegas; preciso de tirar boas notas; esqueço as outras aulas; o professor e os meus colegas reconhecem a minha atuação; sinto-me integrado no grupo; as minhas opiniões são aceites; saio-me melhor que os meus colegas; não me sinto integrado no grupo; não simpatizo com o professor; os meus colegas gozam com as minhas falhas; alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros; tenho nota baixa; e por fim, as minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor.

Após a análise dos resultados apurámos se existiam diferenças entre géneros e constatámos que na motivação extrínseca são as raparigas que dão maior importância, relativamente aos rapazes. No entanto, também não existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros, feminino e masculino quanto à motivação intrínseca para a prática da aula Educação Física (sig. 0,399). Neste caso, verificamos que as raparigas dão maior importância ao meio envolvente, ou seja, dão mais importância à recompensa que possam ter, seja ela o reconhecimento ou um prémio. Tal como refere Reeve (2006) “A motivação extrínseca surge das consequências e dos incentivos ambientais (p.ex., alimento, dinheiro). Em vez de o indivíduo participar de uma atividade com o propósito de experimentar as satisfações inerentes que ela pode proporcionar (como ocorre no caso da motivação intrínseca), a motivação extrínseca surge de alguma consequência distinta da atividade em si. Surge de uma motivação tipo "faça isso e obterá aquilo" ou "o que eu ganho com isso?".

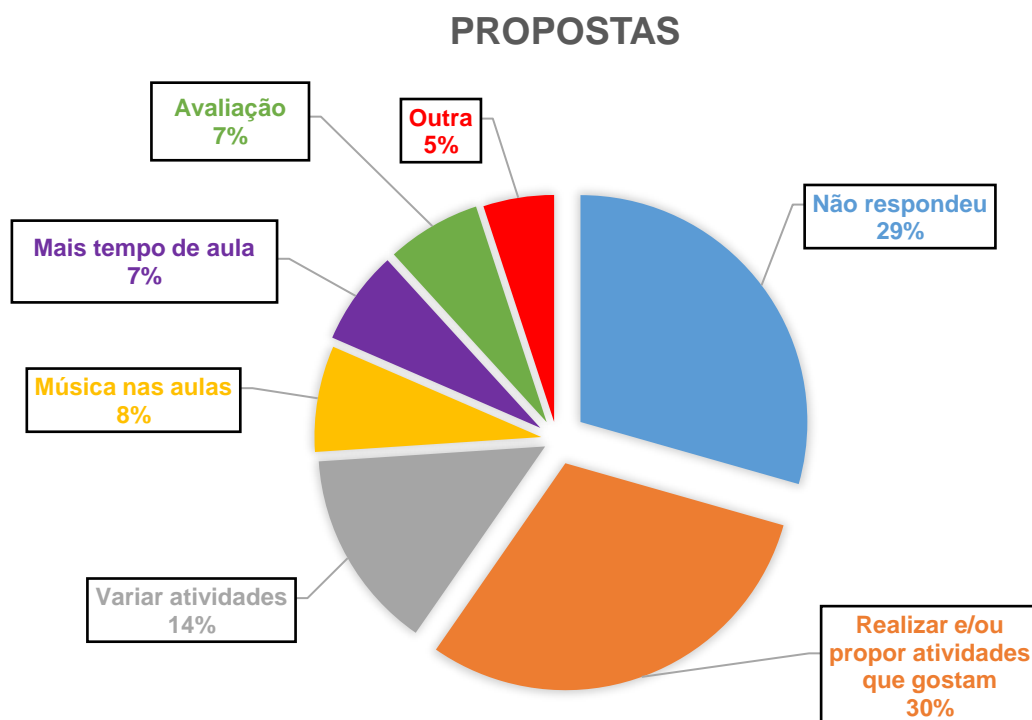


Gráfico 1. Resultados das propostas que motivariam os alunos para a participação nas aulas de EF.

Esta questão deu-nos a percepção dos fatores que motivariam os alunos a participarem com motivação nas aulas de Educação Física. De acordo com o gráfico 1, os alunos consideram como principal fator para a melhoria da sua motivação nas aulas de EF, a possibilidade de realizarem e/ou proporem atividades que gostem (30%). Para além disso podemos verificar que 29% dos inquiridos não responderam a esta questão, esta situação faz-nos pensar que nem os próprios alunos conseguem identificar o que os motivaria para a participação das aulas.

Outros fatores mencionados pelos alunos foram, nomeadamente: variar as atividades ao longo das aulas (14%); realizar aulas com música (8%); mais tempo de aula (7%); avaliação opcional (7%) e outras propostas diversas (5%).

5.5 – Conclusões

Este estudo deu-nos a possibilidade de compreender o que motiva os alunos nas de Educação Física e com isto, conseguimos constatar após o tratamento dos dados referentes ao inquérito por questionário, que os motivos que levam os alunos a participarem nas aulas de Educação Física são o gosto pelas atividades física e a oportunidade de estarem com os amigos. Ainda conseguimos perceber que os alunos gostam das aulas de EF quando movimentam o corpo e compreendem os benefícios das atividades. Por outro lado, não gostam das aulas de EF quando exercitam pouco o corpo e não conseguem realizar corretamente as atividades.

Relativamente à motivação intrínseca e extrínseca, verificamos que não existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas. Porém conseguimos concluir que as raparigas dão maior importância, relativamente, aos rapazes à motivação extrínseca, e que os alunos do género masculino dão mais importância, em relação às alunas do género feminino à motivação intrínseca.

Os inquiridos apresentaram como principal proposta para a melhoria da sua motivação para a participação nas aulas de Educação Física, a possibilidade de

realizar e/ou propor atividades que gostem. Além disso, também concluímos que muitos alunos não conseguem apontar as razões que melhorariam as aulas de EF, de forma a motivar a sua prática.

Com esta análise conseguimos perceber o que motiva mais os alunos para as aulas de Educação Física e assim adequar as nossas aulas em experiências futuras tendo em atenção estes resultados, pois assim conseguimos ter os alunos mais motivados e empenhados nas aulas de Educação Física.

CAPÍTULO VI – CONCLUSÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO

A realização deste Estágio Pedagógico foi intensa, desgastante, mas marcante a vários níveis, deu-nos a possibilidade de colocarmos tudo o que aprendemos em prática e desta forma enriquecer ao nível de todas as competências científicas e competências pessoais. Através deste, tivemos a possibilidade de ser professores de Educação Física. Esta experiência deu-nos a conhecer o papel do professor de EF que não é nada fácil, visto que, temos de conjugar vários pontos para conseguir desenvolver um bom processo de ensino-aprendizagem.

Procuramos ao longo do ano letivo, desenvolver uma boa intervenção pedagógica, visto que, um professor tem a responsabilidade de conduzir um bom processo de ensino-aprendizagem. No início devido ao contacto com uma nova realidade, existiram algumas dificuldades, também derivadas da inexperiência mas com a ajuda do núcleo de estágio e da professora orientadora fomos colmatando as dificuldades. Procuramos ultrapassar estas através de uma postura constantemente crítico-reflexiva, que foi de extrema importância para o nosso crescimento pessoal e profissional

Nesta etapa também desenvolvemos a capacidade de trabalho em equipa, cooperação e entreajuda, que nos ajudou nos momentos mais difíceis e trabalhosos, que tivemos de ultrapassar e dar o melhor de nós. Em relação a este trabalho, verificamos a importância que terá ao longo da nossa vida, pois em conjunto conseguimos ir mais longe.

No que diz respeito ao tema-problema conseguimos através deste ter uma maior perceção do que motiva os alunos nas aulas de EF, embora esta seja difícil de inculcar em alunos que não gostam ou até mesmo que odeiam atividade física. Na nossa turma tivemos algumas dificuldades a este nível e por isso, é que achamos pertinente estudar este tema. Após o estudo conseguimos entender o que os pode motivar para a participação nas aulas de EF e assim nas próximas oportunidades devemos ter em conta os resultados deste estudo para conseguirmos motivar os alunos para a prática das aulas.

A elaboração deste relatório deu-nos a possibilidade de refletir sobre todo o trabalho desenvolvido durante esta experiência, podemos assim concluir que este foi um ano de muitas aprendizagens e muito trabalhoso.

BIBLIOGRAFIA

Aranha, A. (2007). Observação de aulas de Educação Física: Sistematização da observação - sistemas de observação e fichas de registo. Vila Real: UTAD.

Bento, J. (2003). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Lisboa: Livros Horizonte.

Bouchard, C, Shephard, R, Stephews, T, Sutton, J.Mc Pherson, B Exercise (1990), Fitness and Health, Champaign: Human kinetics.

BRITTO, S.P. (1989). Psicologia da Aprendizagem centrada no Estudante. 3. ed. Campinas: Papiros.

Carreiro da Costa, F. (1995). O Sucesso Pedagógico em Educação Física. Estudo das Condições e Factores de Ensino-Aprendizagem Associados ao Êxito numa Unidade de Ensino. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Carvalho, A. d., Amorim, J. G., Cardoso, L., Silva, R. d., e Silva, S. d. (2011). El acto de planificar y la importancia de la planificación en la organización del profesional de la Educación Física. Efdesportes.

Claro, R. D., & Filgueiras, I. P. (2009). Dificuldades de gestão de aula de professores de Educação Física em início de carreira na escola. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 8, pp.9–24.

Costa, C.; Diniz, J.; Pereira, P. (1998) A motivação dos alunos para a Educação Física: A sua influência no comportamento nas aulas. Revista Horizonte, vol. XV, n. 86, pp. 07-15.

Damião, M. (1996). Pré, inter e pós acção. Planificação e avaliação em pedagogia. Coimbra: Minerva.

De Ketele, J.M. (1981). Observer pour éduquer. Collection Exploration Recherches en Sciences de l'Éducation. Berne: Peter Lang

Falcão, Gérson Marinho (1989). Psicologia da aprendizagem. 5. ed. São Paulo: Ática.

Fernandes, D. (2008). Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. V.19, n. 41.

Gouveia, F. C.. (2007). Motivação e Prática da Educação Física. Campinas: Papyrus.

Januário, C.(1996). O currículo e a reforma do ensino. Lisboa: Livros Horizonte

Kobal, M.C. (1996). Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de Educação Física. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Campinas, UNICAMP.

Magill, R. A.. (1984). Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. São Paulo: Edgard Blucher.

Múrcia, J.A.; González-Cutre Coll, D. e Sicilia, A.. (2008). Metas de Logro em estudantes espanhóis de Educación Física. Revista de Educacion, nº 347, p. 299- 317.

Oliveira, A. L. (1978). Nova Didática. 4.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: FENAME.

REEVE, Johnmarshall (2006). Motivação e emoção. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC.

Ribeiro, L. (1999). Avaliação da Aprendizagem: Tipos de avaliação. Lisboa: Texto Editora.

Roberts, G.C.; Kleiber, D. A.; e Duda, J. L. (1981). An analysis of motivation in children's sport: The role of perceived competence in participation. Journal of Sport Psychology, n.3, p.206-216.

Rosado, A. & Colaço, C. (2002). Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas. Lisboa: Omniserviços, Representações e Serviços, Lda.

Safrit, M. (1973). Evaluation in physical education. New Jersey: Prentice-Hall.

Santos, S. (2012). Formação inicial e prática docente: Percepções de futuras professoras. Olhar do professor, 15, 355-369.

Sarmiento, P. (s/ data). A demonstração como processo de auto-observação.

Siedentop, D. (1983). Development teaching skills in Physical Education, 2nd edition. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.

Siedentop, D. (1998). Aprender a ensinar la educación física. Barcelona: INDE.

SOUZA, Ana Luiza Correia de; FILHO, Ronaldo Pacheco de Oliveira; Motivação intrínseca e extrínseca em crianças de 7 A 14 anos na iniciação do voleibol. Artigo de campo Vol. 2, No 1 (2008) Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br>

Winterstein, P. J. Motivação, Educação Física e Esporte. Revista Paulista de Educação Física, 6 (1): 53-61, jan/jun, 1992.

Witter, Geraldina Porto; Lomônaco, José F. Bittencourt. (1984). Psicologia da aprendizagem. São Paulo: EPU.

Xavier, Alan Raniere Silva (2007). Influencias da Motivação na prática de natação, Monografia de Graduação da Universidade Federal UNIR Porto Velho.

Anexos

ANEXO A – QUESTIONÁRIO DA CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

Identificação

Nome: _____

Sexo: F M

Data de Nascimento: _____/_____/_____

Saúde

1. Tens dificuldades de audição? Sim Não

2. Tens dificuldade de visão? Sim Não

3. Tens alguma doença que limite a tua prática desportiva? Sim Não

Se sim, qual/quais? _____

4. Já sofreste alguma lesão desportiva? Sim Não

Se sim, o quê? _____

Repouso

5. A que horas costumas deitar-te? 21-22h 22-23h 23-24h +24h

6. Quantas horas costumas dormir por noite? 6h 7h 8h 9h 10h +10h

Alimentação

7. Quais as refeições que fazes diariamente?

Pequeno-almoço Lanche (meio da manhã) Almoço Lanche (tarde) Jantar Ceia

Tempos Livres

8. Assinala as atividades que realizas nos tempos livres

Ver televisão Ouvir música Ler Utilizar o computador

Praticar Desporto Sair com os amigos Ir ao cinema/concertos

Outras Qual/quais: _____

Hábitos Desportivos

9. Já praticaste alguma modalidade desportiva fora do âmbito escolar? Sim Não

Se sim, qual/quais: _____

10. Atualmente praticas algum desporto? Sim Não

Se sim, qual/quais: _____

• Em caso de resposta afirmativa

Federado Não federado _____ Tempo/semana _____ Clube

11. Praticar desporto é uma atividade do teu agrado?

Bastante Razoável Nada

Desporto Escolar

12. Com que frequência participaste no Desporto Escolar?

Sempre que houve Desporto Escolar participei Pratiquei durante alguns anos Nunca participei no Desporto Escolar

• Se **participaste** no Desporto Escolar, indica em que modalidade/s: _____

• Se **não participaste** no Desporto Escolar, indica a/as razões:

Não gostava das modalidades

Já praticava desporto noutra local

Não simpatizava com os professores

Tinha outras atividades

Exigiam muitos treinos

Por não gostar de desporto

Problemas com horários

Outra/s Qual/quais? _____

Educação Física na Escola

13. Gostas de Educação Física? Sim Não

14. Que nota final obtiveste em Educação Física no ano anterior? _____

15. Quais as modalidades que mais gostas? _____

16. Quais as modalidades que menos gostas? _____

17. Das seguintes modalidades, assinala aquelas que já praticaste em Educação Física:

Voleibol

Basquetebol

Futebol

Andebol

Atletismo

Badminton

Dança

Patinagem

Ginástica Rítmica

Ginástica Acrobática

Ginástica de Solo

Cicloturismo

Ginástica de Aparelhos

Orientação

Judo

Outras Qual/quais? _____

18. Sugere uma atividade que gostarias de ver realizada no âmbito da disciplina de Educação Física:

19. Sabes andar de bicicleta? Sim Não

20. Tens bicicleta? Sim Não

21. Se sim, podes trazê-la para a escola? Sim Não

22. Sabes nadar? Sim Não

23. Na tua opinião, qual é a importância da Educação Física nas escolas?

Combater o cansaço

Emagrecer

Melhorar a qualidade de vida

Melhorar a condição física

Criar hábitos desportivos

Fomentar o gosto pela prática desportiva

Praticar novas modalidades

Animação cultural

Fortalecer a responsabilidade pessoal, cooperação e solidariedade

Socializar

Outra Qual/quais? _____

24. Qual o grau de importância que atribuis à aula de Educação Física?

Nada importante

Pouco importante

Importante

Muito importante

Qualidade dos Docentes

25. Aponta as qualidades que mais aprecias num/a professor/a:

Exigência

Comunicabilidade

Pontualidade

Cordialidade

Simpatia

Sentido de humor

Sentido de justiça

Outra/s Qual/quais: _____

ANEXO B – PLANO DE AULA

<p>Plano de Aula Educação Física Turma <u>1096</u> <u>2015/2016</u></p>	<p>CURSO PROFISSIONAL DE TÉCNICO DE APOIO PSICOSSOCIAL CURSO PROFISSIONAL DE TÉCNICO DE TURISMO Cofinanciada por</p> 
---	---

1

PLANO DE AULA				
Ano/Turma:	Data:	Hora:	Duração:	Período:
Local:	Aula n°	Aula UD <u>12</u> de uma total de		N° Alunos:
Unidade Didática:	Função Didática:		Professor:	
Objetivo Específico:				
Sumário:				
Recursos Materiais:				

TEMPO		TAREFAS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	COMPONENTES CRÍTICAS	CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO E DE ORGANIZAÇÃO	CRITÉRIOS DE ÊXITO	ESTILOS DE ENSINO
T	F	PARTE INICIAL					
PARTE FUNDAMENTAL							
PARTE FINAL							

**ANEXO C – QUESTIONÁRIO TEMA-PROBLEMA “MOTIVAÇÃO NAS
AULAS DE EF”**

Questionário para pesquisa

Ano:	Idade:	Género:
-------------	---------------	----------------

Este questionário tem como objetivo a identificação do que motiva e desmotiva os alunos nas aulas de Educação Física. Cada afirmação é respondida através de uma escala LIKERT de alternativas de 1 a 5 onde (**1 nenhuma importância, 2 pouco importante, 3 às vezes importante, 4 importante, 5 muito importante**).

1- Participo nas aulas de educação física porque:

	1	2	3	4	5
Gosto de atividades físicas.					
As aulas dão-me prazer.					
Gosto de aprender novas habilidades.					
Acho importante aumentar os meus conhecimentos sobre desporto e outros conteúdos.					
Sinto-me saudável com as aulas.					
Faz parte do currículo da escola.					
Estou com os meus amigos.					
O meu rendimento é melhor que o dos meus colegas.					
Preciso tirar boas notas.					

2- Eu gosto das aulas de educação física quando:

	1	2	3	4	5
Aprendo uma nova habilidade.					
Dedico-me ao máximo à atividade.					
Compreendo os benefícios das atividades propostas.					
As atividades dão-me prazer.					
O que aprendo faz-me querer praticar mais.					
Movimento o meu corpo.					
Esqueço as outras aulas.					
O professor e os meus colegas reconhecem a minha atuação.					
Sinto-me integrado no grupo.					
As minhas opiniões são aceites.					
Saio-me melhor que os meus colegas.					

3- Não gosto das aulas de educação física quando:

	1	2	3	4	5
Não consigo realizar bem as atividades.					
Não sinto prazer na atividade proposta.					
Quase não tenho oportunidade de jogar.					
Exercito pouco o meu corpo.					
Não há tempo para praticar tudo o que eu queria.					
Não me sinto integrado no grupo.					
Não simpatizo com o professor.					
Os meus colegas gozam com as minhas falhas.					
Alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros.					
Tenho nota baixa.					
As minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor.					

4- Indica duas propostas de melhoria das aulas de Educação Física que penses que te motivaria mais para a sua prática:

1º Proposta:

2º Proposta:

Obrigado pela colaboração!

ANEXO D – ANÁLISE DESCRITIVA DOS QUESTIONÁRIOS EM SPSS 22

Tabelas de referência:

Género:

Género					
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	Feminino	88	73,9	73,9	73,9
	Masculino	31	26,1	26,1	100,0
	Total	119	100,0	100,0	

Primeira questão: “Participo nas aulas de educação física porque”.

Estadísticas

		Gosto de atividades físicas	As aulas dão-me prazer	Gosto de aprender novas habilidades	Preciso tirar boas notas	Acho importante aumentar os meus conhecimentos sobre desporto e outros conteúdos	Faz parte do currículo da escola	O meu rendimento é melhor que o dos meus colegas	Estou com os meus amigos	Sinto-me saudável com as aulas
N	Válido	119	119	119	119	119	119	119	119	119
	Omisso	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Média	4,02	3,38	3,85	3,68	3,73	3,73	2,84	3,91	3,84

Segunda questão: “Gosto das aulas de educação física quando”.

Estadísticas

		Aprendo uma nova habilidade	Dedico-me ao máximo à atividade	Compreendo os benefícios das atividades propostas	As atividades dão-me prazer	O que aprendo faz-me querer praticar mais	Saio-me melhor que os meus colegas	As minhas opiniões são aceites	Movimento o meu corpo	Sinto-me integrado no grupo	Esqueço as outras aulas	O professor e os meus colegas reconhecem a minha atuação
N	Válido	119	119	119	119	119	119	119	119	119	119	119
	Omisso	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Média	3,61	3,66	3,74	3,67	3,63	2,96	3,53	3,87	3,67	3,63	3,35

Terceira questão: “Não gosto das aulas de educação física quando”

Estadísticas

		As minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor	Não me sinto integrado no grupo	Não sinto prazer na atividade proposta	Quase não tenho oportunidade de jogar	Não consigo realizar bem as atividades	Não simpatizo com o professor	Alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros	Exercito pouco o meu corpo	Os meus colegas gozam com as minhas falhas	Tenho nota baixa	Não há tempo para praticar tudo o que eu queria
N	Válido	119	119	119	119	119	119	119	119	119	119	119
	Omisso	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Média	2,76	2,94	3,09	3,08	3,21	2,97	3,08	3,22	2,61	2,69	3,20

Motivação Intrínseca

Descritivas

Género		Estadística	Erro Padrão		
Total Motivação Intrínseca Recod.	Feminino	Média	3,97	,078	
		95% Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	3,81	
			Limite superior	4,12	
		5% da média aparada	3,99		
		Mediana	4,00		
		Variância	,539		
		Desvio Padrão	,734		
		Mínimo	2		
		Máximo	5		
		Amplitude	3		
		Amplitude interquartil	0		
		Assimetria	-,303	,257	
		Curtose	-,170	,508	
		Masculino	Masculino	Média	4,06
95% Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior			3,83	
	Limite superior			4,30	
5% da média aparada	4,07				
Mediana	4,00				
Variância	,396				
Desvio Padrão	,629				
Mínimo	3				
Máximo	5				
Amplitude	2				
Amplitude interquartil	0				
Assimetria	-,044			,421	
Curtose	-,261			,821	

Teste de Mann-Whitney (Motivação Intrínseca):

Postos

	Gênero	N	Posto Médio	Soma de Postos
Total Motivação Intrínseca Recod.	Feminino	88	59,03	5195,00
	Masculino	31	62,74	1945,00
	Total	119		

Estatísticas de teste^a

	Total Motivação Intrínseca Recod.
U de Mann-Whitney	1279,000
Wilcoxon W	5195,000
Z	-,572
Significância Assint. (Bilateral)	,567

a. Variável de Agrupamento: Gênero

Motivação Extrínseca

Descritivas

	Gênero		Estatística	Erro Padrão	
Total Motivação Extrínseca	Feminino	Média	3,63	,076	
		95% Intervalo de Confiança para Média	Limite inferior	3,47	
			Limite superior	3,78	
		5% da média aparada	3,62		
		Mediana	4,00		
		Variância	,513		
		Desvio Padrão	,716		
		Mínimo	2		
		Máximo	5		
		Amplitude	3		
		Amplitude interquartil	1		
		Assimetria	,123	,257	
		Curtose	-,327	,508	
		Masculino	Média	3,48	,146
	95% Intervalo de Confiança para Média		Limite inferior	3,19	
			Limite superior	3,78	
	5% da média aparada		3,48		
	Mediana		3,00		
	Variância		,658		
	Desvio Padrão		,811		
	Mínimo		2		
	Máximo	5			
Amplitude	3				
Amplitude interquartil	1				
Assimetria	,055	,421			
Curtose	-,320	,821			

Teste de Mann-Whitney (Motivação Extrínseca):

Postos

	Gênero	N	Posto Médio	Soma de Postos
Total Motivação Extrínseca	Feminino	88	61,45	5408,00
	Masculino	31	55,87	1732,00
	Total	119		

Estatísticas de teste^a

	Total Motivação Extrínseca
U de Mann-Whitney	1236,000
Wilcoxon W	1732,000
Z	-,843
Significância Assint. (Bilateral)	,399

a. Variável de Agrupamento: Gênero

Propostas do que motivaria os alunos para a participação nas aulas de EF

Categorização proposta 1

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Válido	1	,8	,8	,8
Não respondeu	35	29,2	29,2	30,0
Realizar e/ou propor atividades que gostam	36	30,0	30,0	60,0
Variar atividades	17	14,2	14,2	74,2
Música nas aulas	9	7,5	7,5	81,7
Mais tempo de aula	8	6,7	6,7	88,3
Avaliação	8	6,7	6,7	95,0
Outra	6	5,0	5,0	100,0
Total	120	100,0	100,0	

ANEXO E – CERTIFICADO DO CICLO DE CONFERÊNCIAS DE DIDÁTICA DA EF

Badminton:



CICLO DE CONFERÊNCIAS DE DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

O BADMÍNTON COMO MATÉRIA DE ENSINO

23 de outubro de 2015

CERTIFICADO

Certifica-se que Diana Santos esteve presente na conferência com o tema: **O Badminton Como Matéria de Ensino.**

Coimbra, 23 de outubro de 2015

A Coordenadora do MEEFEBS
(Prof. Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

O Diretor da FCDEF
(Prof. Doutor António José Figueiredo)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Dança:

CICLO DE CONFERÊNCIAS DE DIDÁTICA
DA
EDUCAÇÃO FÍSICA

A DANÇA COMO MATÉRIA DE ENSINO

27 novembro de 2015



CERTIFICADO

Certifica-se que Debona Santos esteve presente
na conferência com o tema: **A Dança Como Matéria de Ensino.**

Coimbra, 27 novembro de 2015

A Coordenadora do MEEFEBs

(Prof.^a Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

O Diretor da FCDEF

(Prof. Doutor António José Figueiredo)



FACULDADE DE CIÊNCIAS
DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Ginástica:



**ANEXO F – CERTIFICADO II JORNADAS CIENTÍFICO-PEDAGÓGICAS DO
ESTÁGIO PEDAGÓGICO EM EF**



Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

**MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO**

**II JORNADAS CIENTÍFICO-PEDAGÓGICAS
DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO
EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Certifica-se que

Débora Reis Santos

apresentou o trabalho com o título:

Motivação nas aulas de E.F.

Coimbra, 01 de abril de 2016

A Coordenadora do MEEFEBS

(Profª. Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

II JORNADAS SOLIDÁRIAS

II JORNADAS CIENTÍFICO-PEDAGÓGICAS DE ENCERRAMENTO DO ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário



II JORNADAS SOLIDÁRIAS

Uma ação pro-respeito

Certifica-se que Dióscoro Santos participou nas II Jornadas (Solidárias) Científico-Pedagógicas de encerramento do Estágio Pedagógico em Educação Física.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Coimbra, 01 abril de 2016

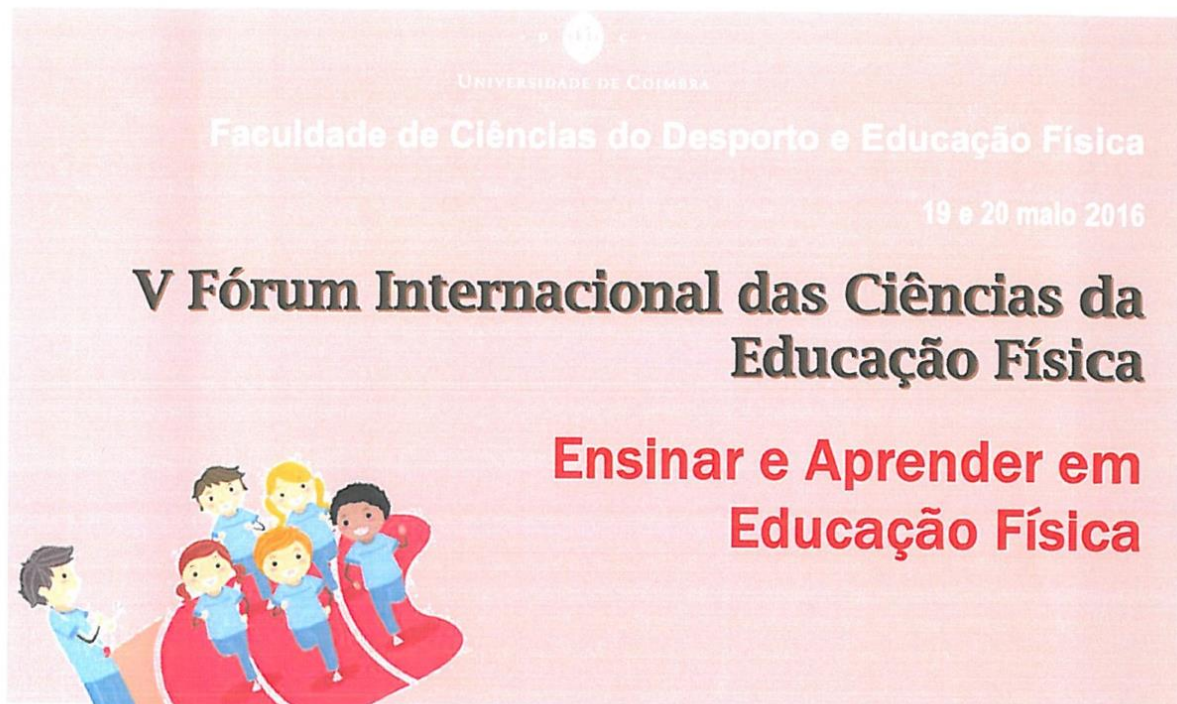
A Coordenação do MEEFEBS

(Profª Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

ANEXO G – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NA OFICINA DE IDEIAS

oficina de ideias	
Certificado de participação	
Certifica-se que <u>Debora Santos</u> , participou na <i>Oficina de Ideias em Educação Física</i> , realizado no dia 08 de abril de 2016, na Escola Secundária de Avelar Brotero - Coimbra.	
	A organização reconhece que a sua participação contribuiu para elevar a qualidade do evento através da partilha de experiências, valorizando a sua capacidade de cooperação e reflexão no processo de formação.
em Educação Física	A DIREÇÃO, 

**ANEXO H – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NO V FÓRUM
INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**



Certifica-se que

Débora Reis dos Santos

participou no V Fórum Internacional das Ciências da Educação Física com o tema: *Ensinar e Aprender em Educação Física.*

A Coordenadora do MEEFEBS

(Prof. Doutora Elsa Ribeiro da Silva)

Coimbra, 20 de maio de 2016



O Diretor da FCDEF-UC


(Prof. Doutor António Figueiredo)